



**C. S. D. P.
DUPLICATA**

ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

- I. Carta do Reitor-Mor (pág.3)**
Notícias alegres e notícias tristes. **O nosso compromisso para com os Cooperadores:** 1. Alguns dados sobre a situação — Os aspectos promissores do pós-capítulo — Há também regiões de sombra — 2. Alguns objetivos por alcançar — A cooperação salesiana é exigência de fé — Novas formas de cooperação — “Ao nosso lado e conosco” — 3. Algumas linhas de tática pastoral — Formar os salesianos — A quem cabe a animação — Como recrutar novos Cooperadores — Como inserir os CC. em nossas obras — Os Cooperadores “alma da Congregação”.
- II. Disposições e normas (pág. 22)**
Dois avisos da Secretaria Geral.
- III. Comunicações (pág. 23)**
1. Novos Bispos Salesianos — 2. Várias nomeações — 3. Solidariedade fraterna — 4. Cooperadora salesiana para os altares.
- IV. Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral (pág. 28)**
1. O trabalho junto da Direção Geral — 2. As visitas dos Conselheiros Regionais — 3. Encontros com a Família Salesiana — 4. O trabalho dos próximos meses.
- V. Documentos (pág. 34)**
Curso de Formação Permanente e Biênio de Espiritualidade salesiana.
- VI. Dos Noticiários Inspetoriais (pág. 37)**
1. Alguns critérios para o redimensionamento — 2. Pesquisa sobre a disponibilidade missionária — 3. Medidas categóricas de formação permanente — 4. Cento e vinte institutos no “Dia da Juventude” — 5. Notícias em breve.
- VII. Magistério Pontifício (pág. 43)**
O Ano Santo para “refazer o homem a partir do seu interior”.
- VIII. Necrológio — Segundo Elenco para 1973 (pág. 54).**



I. CARTA DO REITOR-MOR

Roma, julho de 1973.

Irmãos e filhos caríssimos,

As greves que se prolongaram por tanto tempo na Itália, dificultaram sensivelmente as nossas comunicações, criando contratempos e inconvenientes de várias espécies, que vós mesmos percebestes.

Com a normalização dos serviços postais esperamos poder retomar com a regularidade necessária e em todas as suas várias maneiras as nossas relações, tão necessárias para a mesma vida da Congregação.

Começo agradecendo sentidamente a quantos quiseram dar-me as boas festas por ocasião da Páscoa, festas que — pelos motivos a que me referi — chegaram com sensível atraso. Nem por isso me foram de menos agrado: são, com efeito, sinal confortador dos sentimentos profundos que nos unem em comunhão sincera, fraterna e espiritual.

Precisamente porque as vossas felicitações exprimem os laços de caridade que nos unem a todos, por meio de Dom Bosco, ao chefe que é Cristo, desejo retribuir-vos de todo o coração com a minha vontade concreta de pôr todas as minhas forças a serviço e bem de cada uma de vossas almas e da nossa queridíssima Congregação.

Notícias alegres e notícias dolorosas

Já tendes todos conhecimento da notícia que diz respeito ao nosso *P. Rosálio Castillo*, Conselheiro Geral para a Pastoral dos Jovens. No passado mês de abril, o Santo Padre nomeou-o Bispo Coadjutor da Diocese de Trujillo, na Venezuela. Não poucos de vós me escreveram manifestando com grande sinceridade as “reações” que experimentaram por

causa dessa nomeação. Observação unânime nas reações foi que o Conselho Superior perdia exatamente agora elemento que podia dar, quer no cargo que ocupava, quer no Conselho, preciosa contribuição de idéias e de ação.

Há muita verdade nessas afirmações. Mas nós, com o espírito de fé na palavra do Santo Padre, — espírito em que nos formou Dom Bosco, — enquanto aceitamos o sacrifício, esperamos que por isso mesmo Nosso Senhor conceda a Dom Rosário Castillo possa exercer em medida particularmente eficaz o seu ministério em prol da diocese que lhe foi confiada e da Igreja Venezuelana.

Rezemos também para que Nosso Senhor — como reconforto pelo sacrifício que fizemos — nos ilumine e oriente na escolha do sucessor.

✕ Mas, infelizmente, devo dar-vos notícias dolorosas.

Do Brasil (Campinas) chegou-nos no fim de maio a notícia da morte do caríssimo *P. Pedro Garnero*. Tinha sido operado no coração e parecia que a operação tinha sido feliz, quando sobrevieram complicações que em poucos dias o levaram ao túmulo. A figura do Pe. Pedro Garnero era largamente conhecida, especialmente no mundo latino-americano e na Itália. Não posso nesta carta estender-me enumerando as benemerências a que faz jus pelo serviço prestado, nos mais variados cargos de responsabilidade, à Congregação. Era salesiano de têmpera rija, feita de fé e espiritualidade profunda, amor concreto e esclarecido a Dom Bosco, de caridade pronta e sensível a qualquer necessidade e sofrimento.

Poucos dias depois, um telefonema dava notícia da morte repentina do Inspetor de Munique (Alemanha), *Pe. Francisco Burger*. Estava já satisfeito, porque — depois de seis anos de trabalho intenso pela Inspetoria — iria logo ter um pouco de justo alívio. Mas Nosso Senhor o chamou ao prêmio que bem mereceu em tantos anos nos quais, como bom salesiano, — generoso e otimista — não se poupava jamais a trabalhos pelo bem dos irmãos e da Inspetoria.

A esses dois nossos digníssimos irmãos expressamos o nosso muito obrigado com reconhecidas orações de sufrágio.

Gostaria agora de me entreter convosco sobre um assunto que por vários motivos me parece de particular importância neste momento pós-capítulo.

O NOSSO COMPROMISSO PARA COM OS COOPERADORES

Há dois anos, ao apresentar-vos as Atas do Capítulo Geral Especial, eu vos apontava as cinco vigas mestras da renovação, que nos deviam orientar nos anos do pós-capítulo. Seguindo essa linha de idéias, nas minhas recentes cartas chamei a vossa atenção para dois desses pontos: o sentido vivo da presença de Deus que exige o fortalecimento constante da nossa fé, mediante especialmente a *oração* comunitária e pessoal e depois a renovação da nossa vocação mediante o caminho obrigatório e fecundo de um *clima* dinamicamente *missionário*.

Nesta minha nova carta queria entreter-me convosco sobre outra das vigas mestras da renovação: valorização e empenho com relação ao ramo da nossa família a que Dom Bosco sem mais chamava “importantíssimo”, os *Cooperadores Salesianos*.

Foi um compromisso que o CGE assumiu e está intimamente ligado aos dois primeiros pontos. Com efeito, ele está condicionado pelo sentido da nossa missão e é, por sua vez, fator indispensável hoje para dar novo vigor e impulso às nossas iniciativas apostólicas.

O CGE elaborou sobre o assunto dois documentos que devem ser lidos e estudados de novo para serem fielmente aplicados.

Quanto a mim, mais do que exposição doutrinária, antes de tudo gostaria de pôr-vos a par, embora de maneira necessariamente resumida, de quanto os Capítulos Inspetoriais disseram, deliberaram e programaram neste setor.

Será assim possível termos uma visão de conjunto de tudo o que neles foi decidido para cumprimento das indicações do CGE.

E será não só de agrado, mas também de ilustração e estímulo para todos, conhecer os resultados de um delicado

e complexo trabalho de estudo e reflexão, levados a cabo para especificar os objetivos que se querem alcançar e para elaborar programas concretos de ação: estudo e reflexão que se fizeram na Congregação nos meses passados com o fim de aplicar às situações locais a decisão do CGE.

1. ALGUNS DADOS SOBRE A SITUAÇÃO

Antes de tudo foi para mim e para os membros do Conselho Superior motivo de verdadeira alegria verificar as perspectivas promissoras que numerosíssimos CIE abriram neste setor com as opções e decisões que tomaram. Assinalo-vos, por isso, com prazer, em rápida resenha, alguns dos aspectos positivos e animadores.

Os aspectos promissores do pós-capítulo

A doutrina e as deliberações do CGE sobre os Cooperadores despertaram em nossos irmãos sincero apreço e estimularam a vontade de lhes dar vida na linha que Dom Bosco quis e que foi retomada pelo CGE. Muitíssimos CIE, no que ditaram os “Atos” (n.º 730), salientaram a *urgência da profunda mudança de mentalidade* exigida de todos neste campo, se quisermos ser coerentes com o ideal do Cooperador, como foi delineado no CGE, na fidelidade dinâmica ao pensamento de Dom Bosco.

* Diversos CIE, persuadidos de que as opções neste setor eram de grande importância de acordo com as finalidades da renovação da própria Inspeção, elaboraram *um documento inteiro* com todo um programa concreto e organizado de ação, de que farei menção mais adiante.

* Alguns foram ainda mais além, assinalando as relações entre salesianos e cooperadores num plano de compreensiva e fraternal colaboração educativa e apostólica.

* A tal respeito permiti-me mencione de modo particular quanto fizeram algumas Inspeções, especialmente em regiões pressionadas por aperturas e dificuldades sem conta, que facilmente se podem calcular.

Preocuparam-se elas vivamente com o problema dos próprios colaboradores leigos, elaborando programa de *recrutamento, formação e colaboração* para que se insiram de maneira eficaz nas obras que desenvolvem.

Tentativas de diagnóstico

A elaboração de projetos realistas exigia, evidentemente, conhecimento da situação da própria Inspetoria com suas dificuldades e reais possibilidades.

Procuraram então *enfocar a situação* dos Cooperadores e dos próprios colaboradores em geral, no âmbito das comunidades locais.

* Em diversos casos o trabalho ficou facilitado graças a *estudos sobre o assunto* elaborado pelos Delegados inspetoriais e locais em colaboração com os Cooperadores, e estudos acompanhados de indicações práticas e oportunas sobre a renovação de todo o setor.

* Em várias Inspetorias estabeleceram-se também grupos de salesianos e de Cooperadores para estudarem juntos uma *tática de desenvolvimento*, i. é, tempos, modos e métodos para um real incremento, em número e qualidade, de colaboradores conscientes e para uma organização melhor.

* Nações houve em que, por iniciativa dos mesmos Cooperadores com os Delegados nacionais, inspetoriais e locais, se procedeu a uma *verificação dos inscritos na Associação*, não já para excluir ou de algum modo desencorajar quantos só podem dar um mínimo de contribuição, mas antes para empenhar de maneira mais esclarecida e eficaz os mais aptos e disponíveis.

Outras iniciativas para os Cooperadores

Antes de concluir esta resenha de iniciativas, haveis de permitir que vos recorde alguns fatos significativos do período pós-capitular.

* Diversos CIE deram *indicações exatas sobre o pessoal salesiano* que, pensava-se, podia ser destinado para esse trabalho, enquanto bom número de Inspetores já havia providenciado, confiando a sacerdotes e coadjutores preparados e capazes o cuidado espiritual e apostólico dos Cooperadores.

* O CIE assumiu o *empenho prioritário da formação salesiana* espiritual e apostólica dos Cooperadores (Atos, n.º 735,744). Nesta linha os CIE tomaram belas e variadas iniciativas. Alguns estabeleceram que periodicamente haja cursos, reuniões, encontros de Cooperadores em nível inspetorial ou interinspetorial, com escopo formativo e pedagógico.

* Ficou também determinado que o *Boletim Salesiano* traga artigos de *entoação formativa* para os Cooperadores e se deseja até que os mesmos Cooperadores colaborem com escritos sobre o assunto.

* Houve Inspetorias que criaram, cada uma por si, um *Centro de Espiritualidade salesiana*, aberto a todos os membros da Família Salesiana, pondo também à disposição dos Cooperadores livros e revistas destinadas a eles.

* Estamos também sabendo de algumas iniciativas dignas de louvor que se propõem o *estudo histórico, teológico, espiritual e formativo da Família Salesiana* e em particular dos Cooperadores. Vão-se concretizar em encontros dos que se dedicam a esses estudos e dos que se dão a esse trabalho pastoral em nível nacional e internacional, e em publicações de enfoque variado.

Há também regiões de sombra

O estudo atento das Atas dos CIE pôs também em relevo, com matizes em parte novos e em parte já conhecidos, o reverso da medalha.

Fazendo um como balanço prévio do passado e do presente, quase todos os CIE apontaram regiões de sombra: defeitos, lacunas, inobservâncias e de maneira mais geral situações que merecem atenção especial.

Talvez seja útil a todos, e até mesmo necessário, considerá-las com seriedade, sem cedermos à dupla e oposta tentação ou de as generalizar ou de as reduzir às mínimas proporções. E isso não pelo gosto discutível de salientar defeitos, e muito menos para cairmos no desalento, no pessimismo ou qualquer apático conformismo frente a situações talvez penosas e difíceis; mas unicamente porque tão só mediante sincero e fraterno exame dos pontos menos positivos, será possível especificarmos juntos tempos, modos e meios mais adequados para os eliminar (como precisamente quiseram fazer os CIE que acabei de citar).

Regiões de sombra para os salesianos

Começo por alguns dados que se referem diretamente a nós, os salesianos.

* Algumas Inspetorias assinalam que irmãos há *sem conhecimento justo ou suficiente do pensamento de Dom Bosco* sobre a cooperação salesiana e mais especificadamente sobre os Cooperadores e a sua história.

Alguns continuam confundindo Cooperadores com amigos, simpatizantes ou benfeitores das nossas obras. Outros acham difícil entrar na visão do CGE (que aliás são as vistas de Dom Bosco) e apenas consideram os Cooperadores como cristãos de empenhos apostólicos, animados do nosso espírito e entregues à nossa missão. Outros ainda não percebem as virtualidades contidas no projeto apostólico de Dom Bosco sobre a cooperação salesiana. Outros enfim sentem desconfiança para com futuros cooperadores leigos, preparados, empreendedores, por causa de riscos eventuais a que, segundo pensam, eles nos podem expor.

* De fato — é o que se vê em vários casos — *as nossas comunidades não são centros animadores dos Cooperadores* ou dos próprios colaboradores leigos, e o pessoal salesiano encarregado de modo especial deste setor muitas vezes não foi preparado para essas tarefas ou não foi apoiado e ajudado convenientemente.

Hoje, frente às novas responsabilidades, fazem falta irmãos preparados de maneira adequada.

Regiões de sombra para os Cooperadores

Outros dados do diagnóstico referem-se mais diretamente à situação dos nossos cooperadores e à sua organização. Eis, a título de exemplo, algumas declarações de alguns CIE isoladamente, declarações sem dúvida sinceras.

“No passado não se deu a devida importância a este setor e hoje a situação é muito falha sob diversos pontos de vista: número, qualidade, organização, incidência apostólica”.

“Ocupamo-nos mais do número do que de sua formação, especialmente a salesiana, e agora estamos vendo as consequências”.

“Em nossa Inspeção os Cooperadores nunca tiveram vida próspera e atualmente nem existem como associação”.

“Devemos admitir com uma pontinha de amargura que por vezes são apenas nomes numa ficha”.

“Entre nós o setor dos Cooperadores é vasto setor mar-quências”.

“Existem entre nós — dizem diversos CIE — catequistas, professores, leigos, pais de alunos, líderes cristãos que poderiam ser ótimos Cooperadores, mas não foram apostólica e salesianamente animados para o serem!”.

Lacunas nos CIE

Esta série de dados talvez possa explicar limitações e lacunas que se deparam nas Atas de algumas Inspeções.

Algum documento se limita a acolher de modo geral e teórico as deliberações capitulares, sem lhes dar o tom incisivo e prático em nível local. Outras Atas se contentam em aludir aos Cooperadores e respectivos Delegados, mas não apresentam programa concreto de ação. Em outros casos faltou esforço para repensar seriamente sobre toda a atividade da Inspeção e das comunidades no setor do apostolado dos leigos, à luz do Vaticano II e do CGE.

As causas destas situações podem achar-se no fato de que infelizmente não se conhece o pensamento de Dom Bos-

co, o ensinamento dos seus sucessores e dos diversos Capítulos Gerais sobre esse argumento e se olha para os Cooperadores como para algo de superado e inútil.

Devemos também acrescentar que parece enfraquecido o sentido e a urgência da missão salesiana. Não se percebe que para realizá-la é necessário hoje — mais que no passado — a cooperação de numerosos leigos preparados e disponíveis e que então é preciso empenho concreto sem parar diante das dificuldades que não podem faltar.

Como dizia — e agora repito para evitar interpretações forçadas — pus em evidência os aspectos menos positivos e críticos do nosso pós-capítulo que apareceram nos CIE, porque constituem as dificuldades de cada dia e porque requerem de nós esforço particular para especificar modos, meios e métodos mais adaptados para melhorar de maneira esclarecida a situação, tal qual se fez como acenei, em diversos CIE.

2. ALGUNS OBJETIVOS POR ALCANÇAR

Neste ponto creio seja útil, para estímulo comum, recordar e salientar algumas idéias e fatos que se acham em documentos do CGE e que foram acolhidos por não poucos CIE. Tomar conhecimento deles, avaliá-los devidamente é condição preliminar para que nos induzamos a trabalhar com a coragem que é necessária.

A Cooperação salesiana é exigência de fé

Dom Bosco, desde os inícios do Oratório e aos poucos até à elaboração do Regulamento dos Cooperadores (publicado em 1876), e depois ainda nas decisões que tomou a esse respeito nos sucessivos Capítulos Gerais, tinha concebido e antes ainda realizado — a sua missão em prol dos jovens e das classes populares, com a cooperação de colaboradores leigos.

Esse fato não pode ser julgado como puro dado histórico que se prende ao passado. Conforme o ensinamento claro do CGE (números 153-156), revela ele uma intervenção

divina, indica um carisma do Espírito Santo outorgado ao nosso Santo Fundador em vista da fundação da sua Família apostólica.

O art. 5 das Constituições renovadas é muito claro e não deixa dúvidas: “O Espírito Santo suscitou outros grupos de batizados que, vivendo o espírito salesiano, realizam a missão de Dom Bosco com vocações específicas diversas: as Filhas de Maria Auxiliadora e os Cooperadores foram fundados pelo próprio Dom Bosco. Nasceram mais tarde outras instituições e outras poderão surgir. Tais grupos formam, juntamente conosco, a Família Salesiana. Nela temos particulares responsabilidades”.

Declarações tão simples quanto empenhativas não se podem compreender ou aceitar senão com iluminada visão de fé que nos faça ver a presença ativa e munífica de Deus em nosso Pai e Fundador ontem, e na missão da sua Família hoje.

Não compreendê-lo, ou pior ainda não se preocupar ou recusar-se de aceitá-lo, equivaleria a não reconhecer as indicações que Nosso Senhor nos fez na vida e no pensamento do nosso Santo Fundador e na história da sua obra; significaria restringir o carisma de Dom Bosco, mutilando assim a vocação e missão que nos foi dada por Deus para o bem da Igreja e da Sociedade.

E seria hoje tanto mais grave pelo fato de ser a cooperação entre os diversos membros do Povo de Deus, e entre os diversos ministérios no âmbito das Igrejas locais e da Igreja universal uma das idéias-força do Vaticano II.

O nosso Pai intuiu e realizou no campo específico da educação da juventude e do povo — apesar dos condicionamentos, limitações e falhas do tempo — a cooperação entre religiosos apóstolos, sacerdotes seculares e cristãos engajados, que o Concílio apontou como tarefa para toda a Igreja e que com tamanho esforço se está realizando neste pós-concílio. Realizar esse projeto de Dom Bosco com a colaboração de salesianos que somos com pessoas formadas apostólica e salesianamente, é trabalho empenhativo que o CGE nos indicou de maneira bem clara (números 728, 734, 738, 739).

Esta idéia renovadora do nosso CGE, bem a compreenderam e dela se apropriaram com entusiasmo muitos salesianos. Mas também notamos que, para ser acolhida de maneira eficaz e por todos, deve ser acompanhada de *delicado trabalho de mentalização*.

Fica ela como objetivo — e urgente — que se deve alcançar, e como tal propuseram-no numerosos CIE.

Queria, por isso, dirigir-me aos irmãos — jovens e não tão jovens e principalmente os que ocupam lugares de particular responsabilidade — que andam duvidosos e talvez não estejam de todo persuadidos diante desta linha da renovação.

Desejo convidá-los cordialmente a superar com coragem certas atitudes que afinal se tornam negativas e em nada construtivas e manifestam, sem querer, falta de fé na missão salesiana.

Novas formas de cooperação

O CGE indicou um segundo objetivo. A cooperação salesiana (mais precisamente, a participação dos Cooperadores e dos colaboradores leigos na comum missão) deve ser hoje considerada em formas renovadas, quer do ponto de vista teórico, quer prático. Em formas, i. é., que saibam valorizar todo o pensamento de Dom Bosco e tudo o que de verdadeiramente válido nos indicaram estes cem anos de história e que, ao mesmo tempo, tenham presentes as mudanças que se deram hoje na Igreja, na sociedade, em nossa própria Congregação e sejam sensíveis às exigências e possibilidades de cooperação que se nos deparem hoje.

Deliberações, com seus motivos, de numerosos CIE dão-nos indicações preciosas a esse respeito.

“Para nós é urgente e indispensável — vê-se num ou outro CIE — ter colaboradores de valor e bem formados, que em nossas obras estejam ao nosso lado e nos supram em tantos lugares onde há necessidade da nossa ação salesiana”.

“Empenhemo-nos em fazer com que os professores e as outras pessoas, cristãos que trabalham em nossas obras e

atividades educativas, tomem consciência da sua participação — embora de maneira diferenciada — em nossa missão salesiana, façam próprio o espírito de Dom Bosco, e sejam de fato nossos colaboradores responsáveis e convictos, lado a lado e não sotopostos”.

“Propomo-nos animar os colaboradores que têm melhores aptidões e disponibilidade apostólica para se tornarem nossos cooperadores com tempo integral”.

Assim se expressaram os CIE.

Trata-se agora, antes de tudo e sobretudo, de suscitar e ter em nossas obras — do grupo universitário ao centro de juventude e às escolas, nas paróquias, nos lugares de missão e regiões de periferia — grupos ou colaboradores leigos e eclesiásticos individualmente, participantes da nossa vocação e missão, animados do nosso espírito, devidamente formados segundo as próprias capacidades, qualificações e disponibilidades, que exerçam ao nosso lado e integrados conosco o serviço salesiano, segundo as exigências de tantos e tantos ambientes.

Também aqui vem à tona de modo patente a importância do espírito de fé: devemos crer que Nosso Senhor é largo em suscitar vocações como essas. Devemos principalmente estar convencidos de que a missão educativa e apostólica de Dom Bosco e o seu espírito são rico valor para as Igrejas locais e para a Igreja universal. Esse valor devidamente posto em evidência parece mais atual do que no passado.

Esta ordem de idéias é básica e decisiva e deveria ajudar a desfazer dificuldades e objeções que se levantam hoje cá e acolá em nosso meio.

“Ao nosso lado e conosco”

Outro importante objetivo expressamente indicado pelo CIE (números 735-736, 743-744) foi acolhido por vários CIE com matizes e tonalidades locais, que põem em relevo toda a sua importância.

Verifica-se que a cooperação salesiana hoje é capaz de interessar de modo vital todos os setores da nossa missão:

evangelização e catequese, pastoral da juventude e das vocações, a nossa ação nas paróquias e nas missões.

Eis também a tal respeito algumas afirmações bem interessantes, que achei postas em relevo nas Atas de várias Inspetorias.

“Julgamos que na atual situação das nossas escolas, oratórios, centros de juventude etc., a ajuda eficiente de Cooperadores salesianos preparados seja absolutamente indispensável e em muitos casos decisiva para fins de evangelização e catequese conexas com as exigências locais”.

“O problema das vocações sacerdotais, religiosas e de leigos é hoje tarefa de toda a Igreja local. É problema não de setor, mas global. A contribuição que nos podem dar os cooperadores individualmente ou grupos de colaboradores leigos na busca, amadurecimento e na mesma perseverança de vocações salesianas, é insubstituível”.

Alguns CIE crêem ser isso “a única tábua de salvação para a futura existência da própria Inspetoria”.

Para a pastoral das Paróquias, numerosos CIE puseram em evidência “a importância e urgência de termos ao nosso lado em todas as atividades da Paróquia e particularmente nos conselhos pastorais, leigos maduros e empreendedores, animados do nosso espírito. Sua ausência ou falta de competência e de preparação pesa de maneira decisiva na eficiência apostólica da Paróquia, não permite muitas vezes que se superem situações de inércia e impede se dê fisionomia salesiana à comunidade eclesial local”.

Sobretudo nas regiões em que o trabalho esforçado em favor da justiça e, em geral, da promoção integral da juventude é particularmente vivo e sentido, os CIE julgam “fundamental a presença incisiva de colaboradores leigos, animados do espírito de Dom Bosco, como podem ser os Cooperadores”.

Esta série de constatações esclarece uma exigência básica: para podermos contar de fato com colaboradores como os que se requerem por estas situações, não nos podemos contentar com termos apenas grupos de Cooperadores semelhantes a uma piedosa associação, composta quase sempre de pessoas de certa idade, que mais parecem destinatários

dos nossos cuidados pastorais do que colaboradores “ao nosso lado e conosco” (embora essas pessoas mereçam todo o nosso acatamento e gratidão por quanto fizeram e continuam a fazer).

Sem descuidar esses grupos, é necessário enriquecê-los com outros leigos, homens e mulheres, professores e profissionais, operários, simples pessoas do povo, que correspondam às características do Cooperador Salesiano, tal qual já é apresentado no Regulamento de Dom Bosco, com os relevos de atualidade do nosso Capítulo Geral.

Isso, porém, requer empenho particular no recrutamento e seleção e não menos na formação cristã, salesiana e apostólica dos Cooperadores.

É o que muitos CIE já decidiram fazer com grande seriedade.

O exemplo que estão dando sirva de estímulo e encorajamento também para outras Inspetorias, num esforço concreto em direções que procurarei indicar.

3. ALGUMAS LINHAS DE TÁTICA PASTORAL

Para evitar danosos mal-entendidos queria logo esclarecer um perigo. Não se pense que todas as iniciativas e propostas que estou por vos assinalar se devam pôr em prática por parte de todos e em todas as Inspetorias ou comunidades. Seria cair num exagero sem lógica.

Deve-se antes avaliar, em lugar apropriado e da maneira mais idônea, o que outras Inspetorias programaram ou já estão fazendo, para depois decidir o que pode ser imitado nas próprias comunidades inspetoriais e locais. Neste campo, principalmente, se requer sadio realismo e concretidade acompanhados de coragem e espírito empreendedor.

Formar os salesianos

Um primeiro grupo de decisões diz respeito aos *irmãos das nossas casas*: devem ser levados a um conhecimento melhor da cooperação salesiana hoje; devem ser estimulados à mudança de mentalidade e à assimilação das orientações do CGE.

Por isso é que muitos CIE já determinaram que em todas as casas se façam conferências sobre os Cooperadores, inspiradas nos documentos capitulares e na literatura salesiana que trata desse assunto.

Vários CIE decidiram promover encontros periódicos de reflexão, confraternização e oração entre salesianos e Cooperadores, visando à mentalidade recíproca.

Um ou outro dos CIE aconselhou a participação dos irmãos nas iniciativas de estudos organizadas pelos Cooperadores em nível inspetorial e nacional.

Um segundo grupo de decisões concerne mais especificamente aos *juvenc salesianos*. Ficou estabelecido, p. ex., que nas diversas fases da formação (noviciado, filosofia, magistério, teologia, cursos de atualização) se insiram cursos, ou qualquer informação, sobre a história da Família Salesiana, sobre as origens, desenvolvimento e missão dos Cooperadores, sobre a espiritualidade secular e laical própria dos nossos colaboradores leigos.

Em algumas Inspetorias se estudou também o modo de utilizarmos melhor a contribuição que Cooperadores preparados e particularmente prestantes podem dar aos nossos juvenes salesianos nas diversas fases da formação.

A quem cabe a animação

Retomando textos muito explícitos do CGE (n.º 736, 744), número considerável de CIE confirmou que é tarefa da comunidade no seu conjunto, tomar cuidado dos Cooperadores e estabelecer com eles profundos laços de união.

Em tudo isso cabe ao Diretor particular responsabilidade, que se prende ao dever que ele tem de ser o centro animador de toda a Comunidade e de cada um dos seus membros (*Const. 54*).

No seio da comunidade, a figura do Delegado local e inspetorial assume um papel muito mais importante do que no passado, quer pelas qualidades e preparação teórica e prática que deve ter, quer pelas tarefas novas que deve desenvolver na mesma comunidade e entre os Cooperadores. Não faltam a tal respeito indicações precisas em numerosos Capítulos Inspetoriais.

“O Delegado seja escolhido pela comunidade e apresentado ao Inspetor para a nomeação; seja membro do Conselho da casa; tenha tempo, locais, meios e colaboradores salesianos necessários para desenvolver suas atividades”.

“Na programação geral das diversas atividades com os Cooperadores, como no exame periódico dos resultados ou das modificações importantes que se hajam de introduzir, o Delegado proceda de entendimento com a comunidade, que ele deve manter informada a respeito do setor em que trabalha, de modo que todos os irmãos se sintam responsabilizados e convidados a dar a própria generosa colaboração”.

Quanto ao Delegado inspetorial, pede-se que seja escolhido entre salesianos verdadeiramente capazes e formados para esse tipo de trabalho; tenha o encargo de coordenar as iniciativas em nível inspetorial e informe periodicamente a Inspetoria a respeito delas.

Por fim, recomendam-se encontros freqüentes entre os Delegados, para intercâmbio das próprias experiências, para uma programação unitária e articulada no âmbito inspetorial e nacional e para apoio recíproco.

Como recrutar novos cooperadores

Para o recrutamento de elementos novos antes de mais nada é interessante tudo o que concerne aos *Jovens Cooperadores*.

O Regulamento formulado por Dom Bosco requeria para o candidato Cooperador tão só a idade mínima de dezesseis anos. Creio que nenhuma Inspetoria deixará de levar em conta hoje, seriamente, fato tão significativo.

Pudemos constatar que a esse respeito se tomaram decisões bem corajosas.

Em muitíssimos CIE se propôs que se procedesse de tal modo que toda a pastoral da juventude das escolas ou centros e obras, forme apostolicamente os jovens, esclareça-os e oriente-os na escolha da própria vocação, encaminhe especialmente os alunos dos cursos superiores, ou jovens mais dotados que tenham condições e vocação para isso, à missão de Cooperadores no sentido salesianamente mais rico.

Os esforços que se fizerem neste sentido merecem os mais amplos encorajamentos, mesmo porque as experiências já levadas a termo nessa linha em várias Inspetorias nestes últimos anos tiveram êxito muito promissor.

Quanto aos outros possíveis colaboradores, eis algumas indicações práticas de numerosíssimos CIE.

* A escolha dos Cooperadores que reflitam o ideal do CIE deve fazer-se principalmente entre as *peçoas que já trabalham em nossas obras* (escolas, oratórios, pensionatos, paróquias), ou que dependem delas. É normal e deve-se desejar, pois, que a escolha se faça em linha de preferência entre professores, mestres, catequistas, colaboradores voluntários, ex-alunos que desejam empenhar-se apostolicamente, pais de alunos que são sensíveis à nossa vocação e ao espírito de Dom Bosco e que desejam colaborar conosco nas mais variadas formas requeridas pelo serviço salesiano que devemos prestar aos jovens e ao povo.

* Pregação, conferência, encontros e de modo especial imprensa salesiana (acima de tudo o Boletim Salesiano) e outros instrumentos de comunicação são os meios sugeridos com vistas ao recrutamento de vocações laicais salesianas fora das nossas obras.

Como inserir os Cooperadores em nossas obras

“Teremos a preocupação — disse o CGE na sua Mensagem aos Cooperadores — de vos inserir cada vez mais, de acordo com as vossas possibilidades e preparação, em nossas casas de educação, e estudar o modo de vos confiar outras atividades apostólicas, mais adequadas ao vosso caráter de leigos” (CGE, n.º 736).

Para pôr em prática a orientação capitular, algumas Inspetorias, cujas escolas são em grande parte mantidas por pessoal externo, assumiram este compromisso: “fazer com que esse pessoal seja constituído o mais possível por indivíduos que, além das competências profissionais específicas, sejam corresponsáveis conosco nas atividades educativas e apostólicas e sejam preparados para se tornarem de fato e com esclarecida consciência nossos verdadeiros Coope-

radores, i. é, apóstolos salesianos animados pelo grupo de Irmãos da obra”.

Outras Inspetorias, ao invés, cujas obras funcionam quase exclusivamente com pessoal salesiano, deliberaram a inserção progressiva — em tempos e modalidades por estudar em cada casa — dos Cooperadores, tendo em conta suas qualificações profissionais e capacidades educativas e apostólicas.

Finalmente numerosos CIE determinaram “inserir nos diversos Conselhos, como consultores, peritos, Cooperadores competentes, para admiti-los na programação, realização e exame de toda a pastoral pela qual estão interessados juntamente com a comunidade”.

Os Cooperadores “alma da Congregação”

E vamos concluir.

Acabei de vos expor e de caso pensado, idéias, orientações, decisões que surgiram entre vós, nas vossas Inspetorias, coerentes de modo claro com a idéia carismática de Dom Bosco sobre os Cooperadores Salesianos.

Essa “idéia” hoje por um conjunto de graves razões que foram amadurecendo e se tornaram evidentes, exige urgente, operosa e metódica — mesmo se gradual — realização.

Sob certos aspectos parece que não é exagerado afirmar que essa realização é questão de vida para a atuação mesma da nossa missão, quer para que ela tenha o seu natural acabamento, quer ainda para vencermos as dificuldades oriundas das novas situações vocacionais que os tempos nos impõem.

Se, como espero, tivermos em conta esta realização, saberemos achar os caminhos para agirmos de modo coerente.

Como já disse, não se trata de fazer tudo num dia só, ou tudo o que está programado em todas as Inspetorias. Trata-se, ao invés, de se começar com idéias claras e vontade decidida, embora gradativamente e nos modos que cada situação em particular sugerir.

O importante é nos convenceremos de que esta ação — para a qual a Congregação nos convida com insistência —

não é luxo nem utopia nem algo que se deva fazer além do que é devido, mas é resposta cheia de atualidade, construtiva, em ordem às exigências essenciais da vida da Congregação nestes tempos de hoje e em ordem à vontade da Igreja e do Concílio.

O Conselho Superior — e, mais especificamente, o Órgão competente fará tudo quanto puder para animar e orientar.

(Está adiantado o estudo da revisão ajornada do Regulamento dos Cooperadores, com larga participação dos que são diretamente interessados. Está-se pensando num proveitoso Congresso dos Cooperadores por ocasião do Centenário das Missões).

Mas é claro que depende em gradíssima parte de vós, Inspetores, Diretores, Irmãos, a realização concreta e prática de decisões que, se ficassem inoperantes, acarretariam conseqüências negativas bem graves até para a nossa renovação.

Não ignoro as dificuldades de várias espécies que deveis enfrentar, mas trata-se de interesses apostólicos de tamanho alcance que se tornam sem mais interesses prioritários.

Para isso, superando cientemente, com método e coragem, os obstáculos à promoção dos Cooperadores, teremos resolvido muitos outros problemas.

Para a frente, pois, a exemplo do nosso Pai, tendo sempre presentes as suas palavras: “Uma associação importantíssima para nós, que é a alma da nossa Congregação, é a obra dos Cooperadores Salesianos” (Primeiro Capítulo Geral, 1877).

Saúdo-vos com afeto e desejo a todos os que proxima-mente farão o grande retiro dos Exercícios Espirituais, que no recolhimento e oração possam encontrar a luz que dá segurança e o conforto que dá força, para viver em jubilosa fidelidade a nossa vocação salesiana.

Recordai-vos também de mim.

PE. LUÍS RÍCCERI
Reitor-Mor

II. DISPOSIÇÕES E NORMAS

Dois avisos da Secretaria Geral

a) O *“Manual do Secretário Inspetorial”*

A segunda edição do “Manual do Secretário Inspetorial”, que por sua praticidade foi largamente procurado pelos irmãos interessados, já se está esgotando.

A Secretaria Geral, antes de fazer a sua terceira edição, pede que os Secretários Inspetoriais queiram enviar quanto antes eventuais observações e sugestões, que serão tomadas na devida consideração no interesse de todos.

b) *A correspondência com a Casa Generalícia*

A Secretaria Geral lembra também aos irmãos, que escrevem para a Casa Generalícia, uma norma que, se observada, evita dissabores e inúteis perdas de tempo: quem deve dirigir-se a escritórios diferentes ou para argumentos diferentes, queira usar folhas diferentes.

III. COMUNICAÇÕES

1. Novos Bispos salesianos

O Santo Padre nestes últimos meses elevou dois irmãos ao episcopado. Assim referiu o Osservatore Romano:

— em data de 25.5.1973: “O Santo Padre erigiu, com território des-Rosálio José Castillo Lara, sdb, bispo titular de Precausa e Coadjutor com direito de sucessão de Dom José León Rojas Chaparro, Bispo de Trujillo na Venezuela”;

— em data de 25.5.1973: “O Santo Padre erigiu, com território destacado da Diocese de Dibrugarh (Índia), a Diocese de Kohima-Impal, constituindo-a sufragânea da Sé Metropolitana de Shillong-Gauhati. O Santo Padre, além disso, nomeou Bispo de Kohima-Impal o Rev.mo Sr. Pe. Abraham Alamgimattathil, sdb, Vigário Geral de Dibrugarh”.

Em fim, a Santa Sé desmembrou da arquidiocese de Shillong-Gauhati o território de Tura erigindo-o em diocese sufragânea, e nomeou Administrador Apostólico desse território o Bispo salesiano Dom Orestes Marengo.

2. Várias nomeações

a) *Padre Luis Ricceri conselheiro da União dos Superiores Gerais*

No mês de maio p.p., a União dos Superiores Gerais elegeu um novo Conselho, que ficará no cargo por três anos. O REITOR-MOR foi eleito entre os sete Conselheiros da organização, representando as Congregações Clericais.

b) *Na Sagrada Congregação para a Evangelização dos povos*

DOM HUMBERTO D'ROSÁRIO, Bispo salesiano de Shillong (Índia), no dia 28 de abril passado, foi nomeado por Paulo VI como membro da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos.

c) *O novo Inspetor da Alemanha Sul*

O P. RICARDO FEUERLEIN foi nomeado Inspetor da Inspetoria de Munique (Alemanha Sul).

d) *Consultor na Sagrada Congregação para os Religiosos*

Em data de 17 de maio o Papa nomeou o Procurador Geral salesiano P. DÉCIO TEIXEIRA, Consultor da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares.

3. Solidariedade fraterna

a) *Inspetorias das quais vieram ofertas*

ITALIA

Centro de Estudos do PAS	Liras	300.000
Lígre-Toscana		600.000
Lombardo-Emiliana		735.000
Meridional		100.000
Romana		800.000
Sícula		1.500.000
Subalpina		6.630.000
Vêneta São Marcos		1.314.000

EUROPA

Bélgica Norte		130.000
Alemanha Sul		1.800.000
Portugal		1.064.000
Espanha-Barcelona		841.650
Espanha-Madrid		1.726.947
Hungria		240.000

ASIA

Japão		1.159.000
Oriente Médio		250.000

AMÉRICA

Argentina-Bahia Blanca	300.000
Equador-Cuenca	259.670
Equador-Quito	1.240.000
Estados Unidos Este	3.040.386
Estados Unidos Oeste	2.503.315
<hr/>	
Total das quantias chegadas entre 12-12-72 e 12-6-73	23.533.968
Saldo anterior	3.286.454
<hr/>	
Quantia disponível em 12 de junho de 1973	26.820.422

b) *Distribuição das quantias recebidas*

ITALIA

Roma, para algumas iniciativas pastorais da Faculdade de Teologia (PAS)	1.000.000
---	-----------

ASIA

Filipinas, para as obras sociais de Tondo	300.000
Índia, para a obra "Padre Mantovani" de Madras	305.000
Índia, ao arcebispo de Madras para a construção de uma capela numa aldeia	2.000.000
Índia, para as obras sociais do P. Usai (Shilong)	200.000
Índia, para a obra "Padre Mantovani" de Madras	305.000
Vietnam, a Dom Paulo Seitz para obras sociais	50.000

AMÉRICA

Argentina, para as "residências universitárias" de Córdoba	630.000
Brasil, à obra social do Instituto Joinvilense (Porto Alegre)	2.480.000

Colômbia, às FMA de Granada (Ariari) para material catequético	300.000
Nicarágua, para o “Centro Juvenil” de Manágua destruído pelo terremoto	7.905.112
Nicarágua, ao Bispo salesiano Dom Obando Bravo para as vítimas do terremoto	1.000.000
Estados Unidos, para a obra social de Birmangham (Alabama)	521.286
	<hr/>
Total das quantias entregues de 12-12-72 a 12-6-73	16.691.398
Saldo em caixa	10.129.024
	<hr/>
Total	26.820.422

c) *Movimento geral da solidariedade fraterna*

Quantias recebidas até 12-6-1973	193.608.967
Quantias distribuídas na mesma data	183.479.943
	<hr/>
Saldo em caixa	10.129.024

d) *Observações*

1. O vultoso “saldo em caixa” é por causa da ausência do Pe. Tohill, da Casa Generalícia. A quantia será entregue logo que ele volte da visita às Missões.

2. A soma de 300 mil libras destinadas às obras sociais de Tondo (Filipinas) foi entregue ao Reitor-Mor pelo padre Antônio Javierre, Reitor Magnífico do Pontifício Ateneu Salesiano (Roma), e constitui a recompensa dos Exercícios Espirituais por ele pregados no Vaticano, na presença do Papa, em março de 1973.

3. O elenco pormenorizado das somas enviadas pelos irmãos através da “Solidariedade fraterna” ao Centro Juvenil de Manágua semi-destruído pelo terremoto, já foi publicado nos “Atos” de abril-junho de 1973 (Comunicações, n.º 11).

4. Recebeu o Reitor-Mor uma carta, assinada pelo Inspetor da América Central, Pe. Hugo Santucci e pelo seu Conselho Inspetorial, agradecendo a ajuda que em várias formas — e também através da

Solidariedade Fraternal — chegou de diversas partes da Congregação ao Centro Juvenil de Manágua semi-destruído pelo terremoto.

“Pai — lê-se entre outras coisas —, queira aceitar o nosso filial “muito obrigado”: em nome nosso, dos irmãos de Manágua, e de toda a Inspetoria. E queremos agradecer na sua pessoa a todos os corações que sintonizaram com a tragédia da véspera de Natal passado e depositaram o fruto dos seus sacrifícios no banco de Nosso Senhor para socorrer a quem estava em necessidade.

“De nossa parte assumimos um sério compromisso: usar com responsabilidade e sagrado respeito os dons da generosidade mundial, para a reconstrução do Centro Juvenil de Manágua, lar formativo de tanta juventude que une à nossa a sua voz reconhecida.

“Nossa Senhora Auxiliadora retribua com abundância a sua bondade de Pai”.

4. A Cooperadora salesiana Alexandrina da Costa a caminho dos altares

Venceu as primeiras fases a causa de beatificação da Cooperadora salesiana portuguesa Alexandrina da Costa (1904-1955).

No dia 10 de abril passado, encerraram-se os processos ordinários junto da arquidiocese portuguesa de Braga, e no dia 21 de maio abriram-se em Roma junto da “Sagrada Congregação para as causas dos Santos” os processos relativos aos escritos da Serva de Deus e às testemunhas sobre a sua fama de santidade.

IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

1. O trabalho junto da Direção Geral

Desde o fim de fevereiro último até todo o mês de junho, os Conselheiros Regionais ausentaram-se de Roma para cumprir as preestabelecidas visitas às suas Regiões. Por conseguinte, as reuniões do Conselho limitaram-se a tratar os problemas de administração ordinária.

Mas intensa foi a atividade dos dicastérios.

O DICASTÉRIO DA FORMAÇÃO confiou aos Conselheiros Regionais a tarefa de levar a todas as Inspetorias o seu documento sobre a "Formação Salesiana". Esse documento, ainda em redação provisória, traça as linhas da formação salesiana ao longo de todo o seu roteiro. Os Conselheiros Regionais nas suas visitas o apresentam ao pessoal empenhado em tarefas de formação, solicitando críticas e observações. Em particular o dicastério espera as considerações relativas às exigências locais de formação, que podem surgir nas diferentes partes do mundo salesiano. O conjunto das observações assim recolhidas, vai consentir um texto definitivo mais válido e eficaz.

O dicastério da Formação se ocupa também da figura do Salesiano Coadjutor, a qual, como é sabido, será aprofundada numa série de encontros em nível inspetorial e regional, primeiro, e depois mundial em 1975. Está em estudo do dicastério um pormenorizado plano de trabalho para orientar as comissões que deverão organizar os encontros de vários níveis.

O Dicastério colabora com o PAS romano para a organização do "Biênio de especialização em espiritualidade" que se iniciará neste ano no Ateneu Salesiano; está ainda organizando o "Curso quadrimestral de Formação Permanente" que se desenvolverá, com a colaboração dos docentes do PAS romano, junto do "Salesianum" de Roma a começar no próximo mês de outubro (dessas iniciativas se faz referência mais ampla na rubrica "Documentos").

Enfim, está sendo estudado no Dicastério um *curso para Mestres de noviciado*, que se realizará em Roma, em março-abril de 1974 e durará cerca de um mês.

O DICASTÉRIO DA PASTORAL DOS JOVENS está, no momento, sem o seu Superior (o Pe. Castillo, como foi dito, já foi para o seu novo campo de apostolado como Bispo coadjutor da diocese venezuelana de Trujillo); mas ele continuou o seu trabalho segundo o programa precedentemente aprovado.

Esse trabalho se refere a dois estudos com orientação de ação a curto prazo, e a um encontro.

Um estudo versa sobre “a ação de promoção vocacional” por desenvolver com renovado empenho no âmbito de toda a Congregação.

O outro estudo se refere à “animação missionária da juventude”. O tema será levado a efeito com a coordenação do dicastério das Missões, e tem um objetivo preciso: o próximo centenário das Missões salesianas. Desenvolver o espírito missionário nos nossos jovens e nas suas famílias, suscitar vocações missionárias, e descobrir auxílios para as missões, são as finalidades concretas que se querem conseguir.✕

O dicastério tem além disso no seu programa, em colaboração com o PAS de Roma, o “Encontro Europeu sobre o Sistema Preventivo”, que se desenvolverá no Salesianum de Roma no próximo ano.

O DICASTÉRIO DA PASTORAL DOS ADULTOS continua preparando o novo “Estatuto dos Ex-Alunos de Dom Bosco” e o novo “Regulamento dos Cooperadores Salesianos”.

Para o Estatuto dos Ex-alunos, em abril passado, a competente “comissão central” tomou em consideração as observações que chegaram dos Conselhos Nacionais e preparou uma segunda redação quase definitiva do texto. Agora este está sendo objeto de uma última revisão. O novo Estatuto será proclamado oficialmente em outubro próximo na Cidade do México, durante o encontro dos Ex-alunos latino-americanos.

A preparação do Regulamento para os Cooperadores já está em bom ponto. Uma “comissão técnica”, compreendendo não só Cooperadores, mas também peritos de vários ramos da Família Salesiana, vindos da Itália e de outras Nações, redigiu em Roma a primeira forma do texto, que agora está sendo estudado pelos Cooperadores de todo o mundo. Muitas pessoas foram consultadas sobre o documento, não só para que haja mais ampla colaboração, mas também para que se consiga mais vasta mentalização sobre a vocação do Cooperador.

O dicastério da Pastoral dos Adultos concluiu a “Pesquisa sobre os Boletins Salesianos”. Os abundantes dados recolhidos permitiram

traçar uma radiografia da situação, individualizar aspectos positivos e negativos, elaborar uma primeira “pista de reflexões” sobre as tarefas dos Boletins Salesianos.

Junto do Escritório da Imprensa está também em andamento um *recenseamento dos Noticiários Inspetoriais*. A colheita em ato de dados, indicações e sugestões a seu respeito, que cedo será levada ao conhecimento dos Encarregados dos Noticiários, tem a finalidade de torná-los participantes da experiência comum que estamos empreendendo.

Outras duas iniciativas que visam a recolher dados úteis estão em prosseguimento: uma *sondagem sobre as Paróquias salesianas*, e uma *pequena pesquisa sobre a atividade salesiana no campo das comunicações sociais*.

O DICASTÉRIO DAS MISSÕES está organizando o anual “*Curso de preparação*” para os futuros missionários, que se realizará no mês de setembro no “Salesianum” de Roma.

Além disso está sendo feito um *recenseamento de todos os Missionários salesianos* atualmente ativos, e dos dados essenciais que lhes dizem respeito, para chegar a um conhecimento mais aprofundado e melhor utilização apostólica dessas preciosas forças da Congregação.

A CASA GENERALÍCIA, oportunamente autorizada pelo Reitor-Mor, nos meses de maio-junho passados, realizou uma “*Assembléia extraordinária dos irmãos*”, no fim da qual votou um documento que procura precisar a sua específica missão e lhe disciplina a atividade na dependência do Conselho Superior. O documento deverá ser aprovado pelo Reitor-Mor e seu Conselho, com processo análogo ao da deliberação dos CIE.

2. As visitas dos Conselheiros regionais

Objetivo da primeira visita feita pelos Conselheiros Regionais em 1972 fora um primeiro contato com as suas Regiões depois do longo Capítulo Geral Especial; nestes meses passados, ao invés, entre fevereiro e junho, eles puderam iniciar a série de visitas canônicas às Inspetorias das quais foram encarregados pelo Reitor-Mor segundo o art. 127 dos Regulamentos. “Uma das visitas — está nesse artigo — que o Conselheiro Regional fará durante o sexênio, terá caráter de visita

extraordinária, feita em nome do Reitor-Mor e com os poderes de jurisdição exigidos pela natureza da própria visita”.

Esse encontro em profundidade com o Inspetor e o seu Conselho, com cada uma das comunidades, e oferecendo possibilidade de colóquio pessoal com cada um dos irmãos, se fará em forma completa para toda a Congregação no período do sexênio. Isso vai permitir aos Conselheiros Regionais que se dêem conta cabalmente de toda a situação local, e coordenem com o Reitor-Mor e o seu Conselho as intervenções oportunas para realizar a missão salesiana na Igreja e no mundo.

Enquanto escrevemos, os Regionais estão ainda fazendo as suas visitas, e nos é apenas possível uma nota sumária.

O P. FIORA completou a visita extraordinária na vasta Inspeção do Oriente Médio, cheia de situações tão diversas; além disso presidiu a uma reunião da Conferência Inspeção italiana (na ordem do dia, além de outras coisas, estava o “Guia das práticas de piedade”, já em fase adiantada de preparação); esteve também demoradamente na Casa Generalícia para outros compromissos.

O P. TER SCHURE foi primeiro a Rwanda, Burundi e Zaire, onde a situação havia aconselhado um novo encontro com os irmãos. Depois realizou a visita extraordinária na Bélgica Sul e na Croácia, e passando por Munique (Alemanha) encontrou os três Inspetores de língua alemã.

O P. MÉLIDA fez a visita extraordinária a Portugal e às obras missionárias de Moçambique. Presidiu também à Conferência Inspeção Ibérica.

O P. HENRÍQUEZ esteve em visita canônica à Inspeção da Cidade do México, assistiu em Caracas à ordenação episcopal de Dom Castillo, em seguida encontrou-se com os dois Inspetores do Equador para estudar com eles a reunificação das duas Inspetorias.

O P. VECCHI fez a visita extraordinária à Inspeção de Porto Alegre; depois presidiu às duas Conferências Inspeção da sua Região, à da Argentina e à do Brasil; está concluindo a sua longa viagem com a visita extraordinária à Inspeção de Manaus.

O P. WILLIAMS visitou canonicamente as Inspetorias da Irlanda e da Inglaterra, e as casas de Malta. Foi também às duas Inspetorias

dos Estados Unidos e Canadá, demorando-se especialmente na de São Francisco.

3. Encontros com a família salesiana

Também o Reitor-Mor e os Conselheiros dos dicastérios tomaram contato de maneiras variadas com a Família Salesiana.

O REITOR-MOR no fim de abril foi à Espanha (Inspetorias de Córdoba e Sevilha), onde presidiu a uma reunião dos Diretores salesianos e a outra reunião dos Conselhos Inspetoriais, e falou a vários grupos de Irmãos e Filhas de Maria Auxiliadora.

No mês de maio o Reitor-Mor assistiu às comemorações de 75 anos de duas casas salesianas: a de Caserta (Inspetoria Meridional) e a de Bolonha (Inspetoria Lombardo-Emiliana). Em Bolonha assistiu a uma reunião de que participaram os Salesianos responsáveis pela Inspetoria, o Cardeal de Bolonha, numerosos Bispos e representantes das F.M.A. e dos Cooperadores, a fim de se estudar o tipo de colaboração que a Família Salesiana pode prestar à Igreja local.

O P. VIGANÓ tomou contato com os “centros de formação salesiana” na Espanha, Itália, Iugoslávia, França, Bélgica, Alemanha e Polónia; falou com Inspetores e Salesianos formadores de outros países da Europa. A finalidade dos encontros era verificar como se está realizando nos “centros de formação” o que foi prescrito pelo CGE a respeito deles. O CGE, de fato, prevê também para esse setor uma gradual e orgânica assunção de responsabilidade da parte das Inspetorias.

O P. RAINERI foi duas vezes à França e à Bélgica, e duas vezes também à península Ibérica, para resolver com os Salesianos, os Cooperadores e os Ex-Alunos vários problemas atinentes ao dicastério.

Com os Conselhos Inspetoriais da Bélgica Sul e das duas Inspetorias francesas discutiu entre outras coisas o enquadramento do seu Boletim Salesiano. Com os Cooperadores e Ex-Alunos ocupou-se, entre outros assuntos, do novo Estatuto e Regulamento deles. Em Coat an Doc'h (França) tomou parte no congresso com o qual a federação nacional dos Ex-Alunos celebrou os seus 25 anos de fundação.

O P. TOHILL está concluindo uma visita muito importante aos dez territórios missionários da América Latina confiados aos Salesia-

nos, que o leva a encontrar-se com cada um dos missionários. A visita vai durar quatro meses, segundo um denso calendário, e proporcionará aprofundado exame das situações missionárias naquele continente.

4. O trabalho dos próximos meses

Com a volta dos Conselheiros Regionais, nos primeiros dias de julho, reconstituir-se-á o plenário do Conselho Superior, abrindo-se um período de intensa atividade.

Os Regionais farão a relação das suas visitas, e o Conselho enfrentará colegialmente os problemas das Regiões.

Falta ainda examinar e aprovar mais de trinta documentos dos Capítulos Inspetoriais Especiais, que demandam muito tempo e trabalho.

A isto ainda se acrescenta a nomeação de novos Inspetores e a aprovação da nomeação de novos Diretores. E há ainda a preparação de vários encontros dos Inspetores, o encontro “sobre o Coadjutor Salesiano”, o encontro para os Mestres de Noviciado, etc. Mais os imprevistos, que não faltam nunca.

V. DOCUMENTOS

CURSO DE FORMAÇÃO PERMANENTE E BIÊNIO DE ESPIRITUALIDADE SALESIANA

No dia 24 de abril p.p., o Reitor-Mor enviou aos Inspectores uma carta com a qual lhes apresentava “duas iniciativas de importância fundamental para o nosso processo de renovação”: o “Curso de Formação Permanente” e o “Biênio de Espiritualidade salesiana”. Eis o texto da carta:

Querido Inspetor,

(...) o impulso dado pelo Capítulo Geral Especial estimulou em toda a Congregação, como largamente documentam os Atos dos Capítulos Inspetoriais Especiais, a exigência de aprofundamento dos valores da nossa vida salesiana, religiosa, sacerdotal, e a vontade de uma formação permanente, posta — com realismo — ao alcance de todos.

O apelo da renovação espiritual, que o mesmo Capítulo Geral Especial lançou a toda a Congregação, e o trabalho que o Conselho Superior assumiu de pôr concretamente em execução esse mandato, têm feliz realização em duas *importantes iniciativas*, que proponho à sua atenção e colaboração. Trata-se de uma obra capaz de ter profunda ressonância na vida dos irmãos e na de toda a Congregação.

Mais especificadamente:

— no “Salesianum”, junto da Casa Generalícia, terá início a partir do próximo mês de outubro, o “Curso de Formação Permanente”;

— e junto da Faculdade de Teologia do PAS, o “Biênio de Espiritualidade salesiana”.

a) “Curso de Formação Permanente” no “Salesianum”

O Curso, executando a disposição do CGE (Atos, n.º 555,b), pretende ser *um serviço imediato e eficaz* para os cursos semelhantes que se deverão organizar em plano internacional ou inspetorial, com os quais o *Salesianum* quer permanecer unido por vínculos orgânicos e vitais.

Como eu já dizia na carta endereçada ao Inspetor de Caracas, quando se preparava a experiência de semelhante iniciativa para a

América, “escopo principal desses Cursos é, antes de tudo, aprofundamento da vida espiritual religiosa salesiana nos momentos atuais e de acordo com o Vaticano II: aprofundamento que se deve realizar nos aspectos teológicos-ascéticos e também pastorais”.

Hoje podemos acrescentar que o Curso se deverá caracterizar como *um tempo forte e extraordinário da renovação permanente* requerida pelo CGE (Const. 118), e como *intensa e feliz experiência de vida salesiana* vivida com autenticidade nos seus diversos componentes: vida de grande empenho espiritual com aprofundamento da mentalidade de fé, rejuvenescimento do espírito salesiano especialmente nas dimensões de comunidade orante, fraterna e de caridade pastoral.

O Curso, ao menos neste primeiro tempo, se destina aos irmãos — sacerdotes e coadjutores — que por sua mentalidade de fé acima de qualquer dúvida, por capacidade e proporcionado nível cultural, mas principalmente por sua sensibilidade e assimilação do espírito salesiano, estejam em condições — a juízo do Inspetor com o seu Conselho — não só de assimilar mas ainda mais de, num segundo tempo, pôr a serviço da Inspetoria todo o conjunto de valores com que se enriquecerem durante os *quatro meses vividos em intensidade*.

A observância desse critério é da maior importância para o êxito da iniciativa. Ao depois se poderá pensar em outras categorias de Salesianos; neste momento parece urgente preparar pessoas que podem prestar serviços à comunidade inspetorial “multiplicando” esta iniciativa.

O Conselheiro Regional transmitirá quanto antes pormenores exatos sobre a estrutura do Curso, sobre os critérios de admissão e número de participantes.

Se o sr. estiver interessado em mandar alguém — segundo os critérios que lhe serão comunicados — recorde-se de que se trata de serviço que de modo algum é secundário para a sua Inspetoria, serviço do qual ela não pode nem deve ficar privada mesmo à custa de algum sacrifício momentâneo.

b) “*Biênio de Espiritualidade Salesiana*” junto do PAS

Sente-se em todas as partes a necessidade da criação de um Centro de estudos de espiritualidade salesiana. Não só o CGE, mas numerosos e qualificados membros da Família Salesiana, ainda recentemente, manifestaram o vivo desejo de que a Congregação realize esta iniciativa.

Eis a resposta ao insistente e justificado pedido. A Faculdade de Teologia do PAS, que se propôs em estreita união com o Dicastário da Formação, um serviço cada vez mais direto à Congregação, programou de maneira feliz um plano para realizar e atender este desejo de todos. Assim é que nasceu o *Biênio de Espiritualidade Salesiana*, que terá início no curso de 1973/1974.

O programa do Biênio, a escolha dos lentes, a modalidade do Curso etc., foram combinados diretamente com o Conselheiro da Formação. Eu mesmo assisti ao encontro de todos os lentes do primeiro ano do Curso, alguns dos quais pertencem também a outras universidades romanas.

Examinaram-se programas e matérias de estudo, com os olhos voltados para as exigências da doutrina, mas sobretudo para as necessidades concretas da Congregação.

Como vê o Sr., como poderá verificar melhor por indicações mais extensas que logo receberá sobre isso, trata-se de uma iniciativa bem pensada, de pleno acordo entre os Superiores do Conselho e a Faculdade de Teologia com a colaboração das outras, na intenção de prestar à Congregação um serviço não só útil, mas necessário.

A iniciativa merece confiança e plena correspondência; para o bem da Inspeção e para a sua renovação estou certo de que o Sr. saberá se aproveitar.

O Conselho para a Formação lhe notificará os critérios a que se deve ater para enviar estudantes salesianos a esses cursos de especialização e ajornamento no PAS, mas creio oportuno que o Sr. mesmo apresente e recomende os irmãos que pretende enviar ao *Biênio de Espiritualidade* com uma carta especial, endereçada ao decano da Faculdade de Teologia do PAS.

Com as duas iniciativas que lhe apresentei (Curso quadrimestral de Formação Permanente e Bienal da Espirtualidade Salesiana) esperamos que o conhecimento sério, aprofundado e vivido da espiritualidade e do espírito do nosso Pai e Fundador — enriquecida por toda a tradição destes cem anos de vida salesiana vivida — traga a toda nossa grande família um sopro de genuíno espírito salesiano.

P. LUÍS RÍCCERI

VI. DOS NOTICIÁRIOS INSPETORIAIS

Os ACS, a partir deste número, apresentam breve resenha panorâmica de informações colhidas dos Noticiários Inspetoriais (NI).

A nova secção pretende responder à proposta feita a seu tempo pelo CGE (e referida nos Atos, n.º 763, 3b), onde se pedia que fosse enviado a todas as Inspetorias “um apanhado das principais iniciativas em andamento no mundo salesiano em vista da renovação”; procurará ainda informar sobre tudo o que vale a pena conhecer e que se encontre nos NI.

Esses Noticiários já estão chegando em grande número à Casa Generalícia, embora ainda de maneira irregular (até hoje recolhemos números de 45 Inspetorias diferentes).

Quase todos esses Noticiários são mimeografados, econômicos e práticos.

São redigidos em esquemas bem semelhantes: carta do Inspetor, relação de reuniões, encontros e iniciativas diversas; relações e programas dos diversos encarregados inspetoriais; alguma notícia relevante da Casa Generalícia ou de outras Inspetorias, e finalmente muitas “notícias em breve” de acontecimentos, grandes e pequenos, da família inspetorial, como crônicas de cada casa, indicação de reuniões, publicações, subsídios; ordenações de irmãos, láureas, dias onomásticos e aniversários, doenças e lutos.

As poucas páginas da nova rubrica só vão permitir apresentar alguma das inúmeras e interessantes notícias que se encontram nos NI.

O Reitor-Mor agradece antecipadamente aos irmãos que quiserem manifestar seu pensamento sobre a rubrica, sugerindo conselhos e propostas.

1 — Alguns critérios para o redimensionamento:

Foram apresentados, para a Inspetoria Ligure-Toscana (Itália), pelo Inspetor Pe. José Sangalli, numa reunião de Diretores realizada em Pietrasanta no dia 14 de fevereiro p.p. (NI, março 1973, pág. 4).

O Inspetor chamou a atenção para a urgência da renovação, que é condicionada por ativa vida interior: “Primeiro ato da vida de um salesiano: querer ser santo” (Card. Garrone).

A recente circular do Reitor-Mor sobre a oração pessoal e comunitária — disse — indica o ponto de partida para a solução do problema vital da nossa renovação: ou o enfrentamos com decisão (e então todos os outros problemas tomam suas justas proporções), ou nos perdemos nos labirintos sem conta dos pontos de vista individualistas, inconcludentes, fecundos tão só de problemáticas exasperadoras.

Se conseguirmos enquadrar assim, com verdade, a renovação, ser-nos-á também possível caminhar para um verdadeiro redimensionamento.

Redimensionamento imposto, aliás, pelas seguintes considerações:

a) um número considerável de irmãos dentro de cinco anos não estará mais em condições de desempenhar alguma tarefa ou trabalho eficiente;

b) não há número suficiente de irmãos e escassa é também a aptidão para se continuar com certo tipo de trabalho;

c) a especialização e a requalificação dos irmãos jovens não permitirão lançá-los em trabalho imediato.

O critério fundamental desse redimensionamento, anunciado também pelo Reitor-Mor, se retoma mais ou menos nestes pontos:

a) especializem-se os irmãos moços de acordo com as inclinações pessoais e num plano de serviço possível na Inspetoria, sugerido também pelas conclusões da Comissão de Redimensionamento;

b) voltando eles à Inspetoria e com trabalho concreto de promoção, deverão procurar também a qualificação periódica dos outros irmãos;

c) os que entretanto ficam trabalhando devem “arregaçar as mangas” e ter consciência de que seu próprio sacrificio e fadiga significa a perseverança desses irmãos jovens, e com eles a sobrevivência da Congregação na Inspetoria;

d) quando os jovens voltarem, ou entrarem assim especializados em nossas obras concretas e ainda válidas (paróquias, centros de juventude, escolas...) aí modificarão os dinamismos apostólicos (para isso é que estudaram e se formaram), ou iniciarão obras novas.

Por ora é necessário que cada comunidade meça as próprias forças e proporcione as suas atividades na base duma eficiência real, visto que não tem possibilidades de se integrar com forças frescas.

2 — Pesquisa sobre a disponibilidade missionária

“Atualmente parece que nem ardemos de calor, nem morremos de frio”, foi a conclusão de uma pesquisa sobre a disponibilidade missionária dos salesianos, que se fez em novembro de 1973, na Inspeção da Cidade do México (NI, n.º 26, pág. 21).

Estes são os dados sintomáticos:

- * Atualmente somos 162 entre salesianos e noviços; não contando com os noviços somos 145 religiosos e, se tirarmos os 18 missionários, restam 127 irmãos.
- * De 127 salesianos 57 (44%) responderam ao questionário, subdivididos assim:
 - dos 18 que responderam em “Santa Julia”, quatro iriam para as missões depois de ordenados sacerdotes: dois com a condição de trabalharem em grupo; um, por um pouco de tempo; um, quando conhecer bem a situação; um, em tempo de férias para conhecer e um, se tiver o apoio de todos;
 - em “Espírito de México” nenhum sente o chamado à vida missionária (são 5);
 - em Puebla (Ponce) cinco responderam: um iria sem condição alguma; outro, com prévia preparação;
 - em Cobre foram nove os que responderam: um iria depois de ordenado sacerdote; um, com a condição de que se mude a organização atual;
 - em Huipulco quatro, sobre 13, responderam positivamente: um iria logo; outro iria, mas não logo; outro iria por uns dois anos depois da ordenação;
 - No “Dom Bosco” não houve candidatos.
- * Dos 17 noviços, 16 responderam: onze se dizem disponíveis; três, com a devida preparação; três, temporariamente; um, se for enviado; um, conhecendo previamente a situação; dois, sem condições; um, com alguma especialização.

- * Conclusão geral: exceto alguns com uns quarenta anos de idade, os disponíveis são jovens. Desta vez foram eles que nos deram o exemplo.

3 — Medidas cotegóricas de formação permanente:

O CIE de Paris tinha formulado um plano empenhativo de FP, plano que foi também atentamente considerado pelos Diretores da Bélgica-Sul (NI de Bruxelas, fevereiro de 1973, pág. 2-3). Eis o texto:

Considerando a urgência de realizar a formação permanente e a “reciclagem” de todos os nossos irmãos no campo teológico, profissional, pastoral, espiritual, político...; e recordando que a formação permanente não empenha só o irmão individualmente, mas também a sua comunidade, o Capítulo pede o seguinte:

a) No espaço de seis meses, cada uma das comunidades organize com cuidado uma reunião — com a presença de peritos (salesianos ou não) e, se possível, por iniciativa inspetorial — em que cada irmão possa informar-se sobre as possibilidades de formação que se lhe oferecem.

b) Deverá ser então elaborado para cada um, um projeto trienal preciso de formação.

Esse projeto:

- será assumido pela comunidade;
- deverá ser transmitido ao Inspetor e ao seu Conselho para que lhes sirva de indicação;
- incluirá para cada irmão o modo de formação ou de requalificação que ele espera poder utilizar nos três anos;
- indicará também em que setor de formação a comunidade como tal decide dirigir de maneira prioritária os seus esforços (p.ex., renovação pedagógica, ou catequética, ou teológica...).

c) Em particular, para os coadjutores: a comunidade estudará a possibilidade de os liberar das suas atividades durante o período de um ano (ou outro período que se determine), para completar a própria formação: antes de tudo doutrinal, religiosa e catequética;

mas também no que diz respeito à animação de grupo, formação social e sindical; e profissional.

4 — Cento e vinte institutos no “Dia da juventude”

Já é uma tradição para os Salesianos do “Dom Bosco” de Guatemala organizar anualmente a festa da juventude que dura uma semana e culmina no domingo seguinte (NI da América Central, n.º 2 de 1973, pág. 6).

O ano passado a celebração alcançou o máximo de participação: 120 institutos entre particulares e oficiais. As manifestações são dos tipos mais diversos: campeonatos de bola ao cesto e vólibol, concursos de fotografia, pintura, declamação etc.

Houve um encontro de jovens de um e outro sexo (uns trinta ao todo) que durou sete horas, para discutir problemas da juventude. Houve também uma reunião de “jornalistas em botão” que trataram dos jornais de colégio.

Note-se que essa manifestação de juventude é organizada quase exclusivamente pelos alunos salesianos do último ano, que passam visitando os vários estabelecimentos escolares da cidade para convidar pessoalmente os esportistas e artistas.

Nos dias da semana que precedem a festa de conclusão, pela manhã desenvolvem-se atividades de tipo cultural e pela tarde até ao anoitecer competições desportivas.

5 — Notícias em breve

OS SALESIANOS DAS FILIPINAS trabalharão na diocese missionária de Surat Thani (Tailândia). Foi o que o Inspetor das Filipinas, P. Luís Ferrari comunicou aos irmãos da Tailândia. De fato nos meses passados o Capítulo Inspetorial das Filipinas decidiu dirigir o próprio esforço missionário em favor da jovem diocese de Dom Pietro Carretto (Ni tailandês, abril de 1973, pág. 2).

ESCRUTÍNIO VOCACIONAL. “Constatando a grave crise de vocações na Inspetoria Adriática”, os irmãos consideram a “promoção vocacional como o empenho prioritário do próximo triênio”. Por isso, no CIE tomaram a decisão de uma iniciativa original que já estão pondo em

prática: “Cada comunidade, no trabalho de programação, estabelece os prazos trimestrais para um sério “escrutínio” sobre as realizações comunitárias da pastoral das vocações” (NI, Adriática, abril de 1973 pág. 4).

DESMORONAMENTOS NO COLLE DOM BOSCO. “Está-se acentuando nestes últimos tempos o impressionante fenômeno dos desmoronamentos que põem em perigo os lugares salesianos e que já se avizinham até do Templo de Dom Bosco. Com carta de Roma, o Ecônomo Geral, P. Ruggiero Pilla, autorizou a Casa do Colle a acelerar os estudos que já estão sendo feitos para conter os desmoronamentos e começar os trabalhos que não são fáceis e são de alto custo”. (NI, Central, maio de 1973, pág. 4-5).

ASSUNTOS DE INTERESSE TRATADOS LARGAMENTE NOS NI.

A formação permanente na Inspeção é objeto de um número único (NI, março de 1973), da Inspeção de Madri (Espanha). O Fascículo dá contas de uma pesquisa feita anteriormente entre os irmãos, para *fotografar* a situação atual, os estudos em andamento, as opções pessoais. Quatro imperativos da FP: organizar, programar, estimular, controlar.

Um organograma da comunidade salesiana, com ampla descrição das várias figuras que a compõem é apresentado no NI de Leão (Espanha, maio de 1973, pág. 6-11).

Ponto de partida escolhido para a construção do organograma é a missão pastoral: essa idéia “deve orientar sempre a programação, a execução e a revisão das atividades”.

Sobre a figura do Vice-diretor da comunidade se deteve, ao invés, o Pe. Ângelo Gentile, num estudo que apareceu no NI da Romana (abril de 1973, pág. 12-15). Depois de pôr em relevo alguns pontos (o Vice-diretor tem poder habitual e ordinário...), o autor reconhece como próprio do Vice-diretor ocupar-se “do lado mais estritamente organizativo da comunidade”.

“*A promoção das vocações*” foi objeto de uma reunião dos representantes das casas pertencentes à Inspeção Espanhola de Valência (NI de maio de 1973). Pontos de partida: a situação não muito feliz e perspectivas piores ainda; apresentação de uma experiência significativa: o seminário paralelo”.

VII. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

O Ano Santo para refazer o homem a partir do seu interior

Um jubileu “para renovação e a reconciliação” dos cristãos.

Paulo VI, no breve espaço de um mês — de 9 de maio, data da proclamação do Jubileu, a 10 de junho, dia da abertura — por bem seis vezes voltou sobre o argumento: parecia que com a insistência dos discursos estava querendo sublinhar a importância especial que ele dá ao Ano Santo.

Os textos que se seguem resumem o pensamento do Papa sobre o Jubileu, expresso amplamente nas alocações daqueles dias.

Escutemos sua palavra com o interesse participante que distinguia nosso Pai Dom Bosco.

a) O anúncio.

Queremos hoje dar-vos uma notícia que consideramos importante para a vida espiritual da Igreja; é a seguinte: depois de termos rezado e ponderado bem, deliberamos que se celebre, em 1975 próximo, o ANO SANTO, em conformidade com o prazo de vinte e cinco anos, fixado pelo nosso Predecessor Paulo II, com a Bula Pontifícia “Ineffabilis Providentia”, de 17 de abril de 1470, (9 de maio).

b) Pequena história do Jubileu.

O Ano Santo, que na linguagem canônica se chama JUBILEU, na tradição bíblica do Antigo Testamento consistia num ano de vida pública especial, assinalado pela abstenção do trabalho normal, pelo fato de restituir ao estado anterior a distribuição originária das propriedades de terras, pela remissão das dívidas em aberto e pela libertação dos escravos hebreus. Na História da Igreja, como é sabido o Jubileu foi instituído pelo Papa Bonifácio VIII, no ano de 1300, mas com finalidades unicamente espirituais; e consistia numa peregrinação penitencial aos túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo. Num desses Jubileus participou também o poeta Dante, que descreve a multidão, que

na altura andava pela cidade de Roma (cfr. *La Divina Commedia, Inferno, 19, 28-33*); depois, quando foi o Jubileu de 1500, juntou-se a abertura da Porta santa das basílicas a visitar; e, isso, não apenas para facilitar a afluência dos penitentes, mas também para simbolizar, o acesso mais fácil à misericórdia divina, obtendo as indulgências jubilares (*9 de maio*).

c) Por que o Jubileu? Porque o homem tem necessidade de renovar-se.

Perguntamo-nos a nós próprio se merecia a pena ser mantida essa tradição, nos nossos tempos, tão diversos dos tempos passados, e além disso tão condicionados, por um lado, pelo estilo religioso impresso pelo recente Concílio à vida eclesial, e, por outro lado, pelo desinteresse prático que se verifica em tantas partes do mundo moderno, em relação a expressões rituais de outros séculos. E convencemo-nos bem depressa de que a celebração do Ano Santo não só pode inserir-se na linha espiritual do mesmo Concílio, que nos está muito a peito seja realizada fielmente, mas pode muitíssimo bem corresponder e contribuir ainda para aquele esforço indefesso e amoroso que a Igreja está a envidar no sentido de acorrer às necessidades morais da nossa época e da interpretação das suas aspirações profundas, e, além disso, para a honesta condescendência em relação a certas formas das suas expressões exteriores preferidas

É necessário, no entanto, para poderem ser alcançadas estas diversas finalidades, pôr bem em realce a concepção essencial do Ano Santo, que é a renovação interior do homem: do homem que pensa e, ao pensar, vê que perdeu a certeza na Verdade; do homem que trabalha e, ao trabalhar, se dá conta de se ter extravertido a tal ponto que já não conserva a posse bastante do próprio colóquio pessoal; do homem que goza e se diverte e que desfruta em tal grau os meios que excitam a sua jubilosa experiência, que chega a sentir-se bem depressa entediado e desiludido por tudo isso. É necessário reconstruir o homem; e, isso, a partir de dentro para fora. Fazer aquilo que o Evangelho denomina conversão, penitência, ou, então, 'metánoia'. Trata-se de um processo de auto-renascimento, simples como um longo tirocínio pedagógico e reformador. É um momento de graça; e esta habitualmente não se recebe senão de cabeça inclinada. E pensamos não estar em erro, ao descobrir no homem de hoje uma insatisfação profunda, uma saciedade juntamente com uma insuficiência, uma infelicidade exasperada pelas falsas receitas de fe-

licidade, com as quais ele se sente intoxicado, e, enfim, uma estupefação pelo fato de não poder gozar os mil e um prazeres que a civilização lhe proporciona com abundância. Por outras palavras: o homem tem necessidade de uma renovação interior, conforme o recente Concílio preconizou (9 de maio de 1973).

d) Duas finalidades do Jubileu: renovação e reconciliação

Com o jubileu, a renovação do homem e a sua reconciliação com Deus, que devem ser realizadas, antes de tudo, em nível de profundidade, no sacrário interior onde a consciência é chamada a operar a sua conversão, ou 'metánoia', mediante a fé e a penitência, e a tender à plenitude da caridade.

O próprio Deus, infinitamente misericordioso, depois de ter remido o mundo por meio de Jesus Cristo, seu Filho, chama todos os homens, sem exceção, a participarem dos frutos da redenção e intervém com o seu Santo Espírito, para operar neles a salvação.

A Igreja está convencida de que só desta operação interior pode derivar também a reconciliação entre os homens, como dimensão social do novo pacto de aliança, que deve abraçar todos os setores e os indivíduos, as famílias, os grupos, as categorias e as nações; para se tornar, na medida em que é possível à fragilidade do homem e à imperfeição das instituições terrenas, fermento de paz e de unidade universal.

Ela, por isso, compromete-se a fazer com que a força da redenção, operada por Cristo, consolide nos fiéis, nas dioceses, nas paróquias, nas comunidades religiosas e nos outros centros de vida cristã e de apostolado, como também nas Igrejas até agora separadas de nós, os vínculos da fé e da caridade, no sangue de Cristo. O Pentecostes da graça poderá, deste modo, tornar-se também o Pentecostes da nova fraternidade.

Este é o espírito que esperamos floresça em toda a celebração do Ano Santo (*Oss. Rom.*, 8.6.1973).

e) Renovação interior

É necessário acolhê-lo seriamente. Ele não se refere a um momento fugitivo da nossa vida moderna no fim do século XX. Não

se refere a um aspecto particular do nosso comportamento mental ou moral, mas abarca todo o nosso modo de pensar e de viver.

Por outras palavras, trata-se de um exame complexo da nossa mentalidade, em função de duas realidades importantíssimas: em função da fé que professamos e em função do mundo em que vivemos. Religião e mundo. Fé e experiência profana. Concepção cristã da vida e concepção sem luz, sem princípios, sem deveres e sem esperanças transcendentes a respeito do nosso itinerário no tempo, o qual desemboca inexoravelmente na morte temporal.

Chegou o momento em que devemos medir a nossa adesão a Cristo, no conflito a que está sujeita com a adesão a formas de pensamento e de ação que prescindem do seu Evangelho e da sua salvação. Chegou o momento em que devemos fazer um ato de consciência total sobre os valores supremos e sobre os valores subalternos. É um tempo destinado à escolha não só prática e remissiva, mas também refletida e empenhadora, do caráter geral que desejamos imprimir na nossa existência: cristão ou não, o que, em última análise, quer dizer verdadeiramente homem ou não.

Poderíamos prolongar este interrogatório, propondo muitas outras alternativas e, até, muitas outras antíteses como estas: queremos ser seguidores de Cristo autênticos, ou simplesmente inscritos nos registros de batismo e, portanto, facilmente farisaicos e acusados pelos princípios e pelas exigências que nós mesmos dizemos professar? Queremos fazer de Deus e de Cristo o centro que condiciona e harmoniza a nossa vida, com o seu drama de redenção e com a sua infalível felicidade presente e terminal, ou, pelo contrário, queremos colocar em nós próprios, no nosso egoísmo absorvente e falaz, o eixo de todo o nosso movimento? Queremos alargar o círculo da nossa visão social com o amor solidário a todos os nossos irmãos, de perto e de longe, ou queremos encerrá-lo no âmbito do nosso interesse restrito, fechado com um muro de um amargo egoísmo individual ou coletivo e, por isso, armado de ódio e de luta, incapaz de amar verdadeiramente? E assim por diante.

Desejamos que esta fórmula do Ano Santo constitua o balanço geral das nossas idéias, do nosso modo de conceber os nossos deveres superiores e os nossos verdadeiros interesses, e nos conduza a uma nova síntese da nossa fé antiga, viva e necessária, com o presente programa da vida moderna, não por meio de simples concessões, mas numa inteligente harmonia cristã, a qual exige, é ver-

dade, certas renúncias e certas austeridades, mas, por outro lado, é fecunda de humanidade sincera e de autêntica felicidade (*16 de maio*).

f) *Reconciliação com Deus e com os homens*

Já fostes informados sobre o Ano Santo. Vai ser um período de renovação espiritual e moral, que terá a sua expressão característica na reconciliação, ou seja, na recomposição da ordem, de que Jesus Cristo é o princípio, de cada alma, na profundidade das consciências; ordem dos indivíduos com Deus; ordem de todas as relações humanas, na harmonia dos sentimentos comunitários, na justiça, na concórdia, na caridade, na paz.

O Ano Santo deveria ser uma espécie de momento profético, de despertar messiânico, de maturação cristã da civilização, de um daqueles esforços conscientes e coletivos que deixam, na Igreja e no mundo, um passo em subida, um sinal de progresso cristão, uma aquisição de humanidade penetrada pelo Espírito vivificador do reino de Deus (*30 de maio*).

O termo 'Reconciliação' traz-nos à mente o conceito oposto de ruptura. E, então, que espécie de ruptura devemos nós reparar, para conseguir aquela reconciliação, que é apresentada como condição para o desejado renovamento jubilar? Qual é essa ruptura? Não bastará, porventura, pôr esta palavra programática de reconciliação para imediatamente nos darmos conta de que a nossa vida se encontra perturbada por demasiadas rupturas, por demasiadas desarmonias e por demasiadas desordens, para podermos desfrutar os dons da vida pessoal e coletiva, em conformidade com a sua finalidade ideal?

Temos necessidade, antes de mais nada, de restabelecer relações autênticas, vitais e felizes, com Deus; de ser reconciliados, na humildade e no amor, com Ele, a fim de que, por meio desta primordial e constitucional harmonia, todo o campo da nossa experiência exprima uma exigência e se revista de uma virtude de reconciliação, na caridade e na justiça para com os homens, de modo a reconhecermos-lhes imediatamente o título inovador de irmãos. E assim por diante, a reconciliação realiza-se também noutros planos vastíssimos e bem concretos: a própria comunidade eclesial, a sociedade, a política, o ecumenismo, a paz... O Ano Santo, se Deus nos conceder a graça de o celebrar, terá muitas coisas que nos fará ver, a propósito de tudo isto (*9 de maio*).

g) *Sob a ação do Espírito Santo*

Tendo acentuado que o Ano Santo se abre com a festa de Pentecostes, Paulo VI prossegue. Por que começa este fato no dia de Pentecostes? Porque esta belíssima festa, que podemos considerar como o nascimento histórico da Igreja, oferece uma ocasião inspiradora propícia e, principalmente, porque esperamos, porque suplicamos que o Espírito Santo, queira ser o Operador principal dos frutos que desejamos obter do Ano Santo.

Também este será um dos temas mais exigentes e fecundos da espiritualidade própria do Ano Santo: à Cristologia e especialmente à Eclesiologia do Concílio deve seguir-se um novo estudo e um novo culto do Espírito Santo, como complemento necessário dos ensinamentos conciliares.

Não queremos entrar agora neste magnífico campo teológico. Basta-nos observar que a ação do Espírito Santo, na economia ordinária do desígnio divino, é desenvolvida nas nossas almas, no respeito da nossa liberdade e até no próprio jogo da nossa cooperação, pelo menos como condição da ação divina em nós. O mínimo que devemos fazer é abrir as janelas da nossa alma para que nela entrem o sopro e a luz do Espírito Santo.

Digamos uma palavra sobre esta abertura, isto é, sobre esta disponibilidade à misteriosa ação do Espírito. Perguntemo-nos quais devem ser os estados psicológicos e morais da nossa alma, a fim de que possamos receber o “*dulcis Hospes animae*” — o doce Hóspede da alma. Procuremos agora reduzir estes estados de alma a dois apenas, pelo menos por motivo de simplificação mnemônica, fazendo com que correspondam aos campos preferidos da ação do Paráclito, isto é, do Espírito Santo, que se torna nosso assistente, consolador e advogado.

O primeiro campo é o “coração” do homem. O Espírito Santo tem a sua cela preferida no ser humano: é o coração.

Empregaríamos muito tempo para explicar o que significa a palavra “coração”, na linguagem bíblica. Contentemo-nos, agora, em qualificar o coração como o centro íntimo, livre, profundo, pessoal, da nossa vida interior. Quem não tem uma vida interior própria carece da capacidade ordinária de receber o Espírito, de ouvir a sua voz tenue e doce, de se sujeitar às suas inspirações, de se beneficiar dos carismas.

O diagnóstico do homem moderno leva-nos a ver nele um ser extrovertido, que vive muito fora de si e pouco em si mesmo, como um instrumento que recebe mais a linguagem dos sentidos e menos a do pensamento, da consciência. A conclusão prática exorta-nos imediatamente à apologia do silêncio, não do silêncio inconsciente, ocioso e áfono, mas daquele que nos obriga a calar perante os rumores e os clamores exteriores, e que sabe ouvir, ouvir em profundidade, as vozes sinceras da consciência e as que nascem no recolhimento da oração, as vozes inefáveis da contemplação. Este é o primeiro campo da ação do Espírito Santo. Será bom que tenhamos isto sempre presente.

E o outro qual é? O outro é a “communio”, ou seja, a sociedade dos irmãos, unidos pela fé e pela caridade, num único organismo divino-humano, o Corpo místico de Cristo. É a Igreja É a adesão a este Corpo místico, animado exatamente pelo Espírito Santo, que tem na comunidade dos fiéis, hierarquicamente unidos e autenticamente organizados em nome e com a autoridade dos Apóstolos, o seu cenáculo pentecostal. Por isso, devemos refletir se algumas das nossas procuras do Espírito Santo, as quais preferem isolar-se para evitar o ministério diretivo da Igreja e a confusão impessoal de irmãos desconhecidos, estão no bom caminho.

Uma comunhão egoísta, que nascesse de uma fuga da verdadeira comunhão da caridade eclesial, que Espírito poderia encontrar? Que experiências e que carismas poderiam encher o vazio da unidade, supremo encontro com Deus?

Mas o programa do Ano Santo, que vai ser inaugurado na sociedade do Espírito Santo, imediatamente nos coloca no bom caminho: o da vida interior, onde Ele, o dom do Amor, habita, desperta, forma e santifica a nossa personalidade individual; e o da sociedade dos Santos, isto é, da Igreja dos fiéis, construída como templo do Espírito, onde a salvação está continuamente em festa, para todos (*6 de junho*).

h) Com o auxílio de Maria

Delineadas as vastas metas espirituais do Ano Santo, Paulo VI prosseguiu. Será um sonho? É, certamente, um ideal, mas não deve ser vão nem irreal. Sem dúvida é difícil; e, para nós, homens de pouca fé, uma pretensão superior às nossas forças. Faz, mais do que qualquer outra, com que toquemos com as próprias mãos a necessidade de uma ajuda superior, extrínseca, embora esteja próxima de nós e nos seja

acessível; uma ajuda piedosa e afetuosa, já inscrita num plano geral de bondade e de misericórdia. De que ajuda se trata? De que natureza pode ser este socorro que nos torna capazes de ousar, de esperar as finalidades do Ano Santo?

Nossa Senhora, filhos caríssimos, Maria Santíssima, a Mãe de Cristo Salvador, a Mãe da Igreja, a nossa humilde Rainha. Nesta altura, abre-se diante de nós um grande panorama teológico, próprio da doutrina católica. Nele vemos como o desígnio divino da salvação, oferecida ao mundo pelo único mediador, eficaz por virtude própria, entre Deus e os homens, Jesus Cristo se realiza com a cooperação humana, maravilhosamente associada à obra divina. E que cooperação humana foi escolhida na história dos nossos destinos cristãos como primeira função, por dignidade, por eficiência, não simplesmente instrumental e física, mas como fator predestinado, embora livre e perfeitamente dócil, senão a de Maria?

Neste ponto, poderíamos falar indefinidamente sobre Nossa Senhora. Mas agora, depois de nos termos ancorado à doutrina que a coloca no centro do plano redentor como primeira e, de um certo modo, como indispensável, junto de Cristo nosso Salvador, é-nos suficiente recordar e afirmar que o êxito renovador do Ano Santo dependerá da ajuda poderosíssima de Nossa Senhora. Temos necessidade da sua assistência, da sua intercessão. Devemos incluir no nosso programa um culto particular à Virgem Maria, se desejamos que o acontecimento histórico-espiritual, para o qual nos preparamos, realize os seus verdadeiros objetivos.

Limitamo-nos agora a sintetizar, numa dupla recomendação o favor deste culto mariano, no qual depomos as nossas inúmeras esperanças. A primeira recomendação é importantíssima: devemos conhecer melhor a pessoa de Maria Santíssima, como modelo autêntico e ideal da humanidade redimida. Estudemos esta criatura limpidíssima, esta Eva sem nenhum pecado, esta filha de Deus, na qual o pensamento criador, primigênio e intato de Deus se espelha na sua inocente e estupenda perfeição.

Nossa Senhora é o “tipo” sublime não só da criatura redimida pelos merecimentos de Cristo, mas também da humanidade peregrinante na fé; é a figura da Igreja, como Santo Ambrósio a denomina e Santo Agostinho a apresenta aos catecúmenos: — manifesta em si a figura da Santa Igreja. Se fixarmos o nosso olhar em Maria, poderemos recompor em nós a linha e a estrutura da Igreja renovada.

A segunda recomendação não é menos importante: devemos ter confiança no recurso à intercessão de Nossa Senhora. Devemos elevar-lhe as nossas orações. Devemos invocá-la. Ela é admirável em si mesma e amável para conosco. Como no Evangelho, Maria intervém junto do seu Filho e obtém milagres que o curso normal das coisas por si não admitiria. Ela é bondosa e poderosa. Conhece as necessidades e as dores humanas. Devemos renovar a nossa devoção a Maria se queremos obter o Espírito Santo e ser seguidores sinceros de Jesus Cristo. Que a sua fé nos conduza à realidade do Evangelho e nos ajude a celebrar com proveito o próximo Ano Santo (30 de maio).

i) Todos peregrinos, em direção às “fontes de salvação”.

Na iminência de 10 de junho, dia da abertura do Ano Santo o Papa comunicou as orientações práticas para a realização do Jubileu.

Práticas penitenciais

Portanto, desejamos que se descubra novamente o valor das práticas penitenciais, como sinal e caminho da graça, e como compromisso de renovação íntima, que recebe a sua plena eficácia no sacramento da Penitência, o qual deve ser usado e administrado, segundo as disposições da Igreja, para que os indivíduos e as comunidades caminhem com novo ardor, pelas vias da salvação (cfr. Atos 16, 17).

A peregrinação

Parece-nos que a expressão, a ocasião e como que a síntese destas práticas, as quais terão como coroa a celebração eucarística, possam ser a peregrinação, que, na tradição autêntica da ascética cristã, foi sempre efetuada por motivos de piedade e de expiação. Ainda hoje ela pode inspirar-se nestes motivos, seja quando se realiza nas formas que mais se assemelham às dos antigos romeiros, seja quando emprega os meios modernos de comunicação.

Exercício da caridade fraterna

É necessário, porém, que a peregrinação seja acompanhada não só da oração e da penitência, mas também do exercício da caridade fraterna, que é clara demonstração do amor de Deus, e deve exprimir-

-se, da parte de cada um dos fiéis, das suas associações, das comunidades e instituições eclesiais, em obras de misericórdia espiritual e corporal, em favor dos irmãos mais necessitados. Deste modo, o Ano Santo alargará realmente o campo da caridade da Igreja e será prenunciador de uma renovação e de uma reconciliação de dimensões universais.

Peregrinação nas Igrejas locais

Para que estas finalidades possam ser obtidas mais facilmente, fazemos votos por que a prática da peregrinação seja observada em todas as Igrejas locais, nas catedrais ou nos santuários diocesanos e nacionais, como etapas intermédias, convergindo, por fim, no ano de 1975, para Roma, centro visível da Igreja universal. Aqui, as representações das Igrejas locais concluirão o caminho da renovação e da reconciliação, venerando os túmulos dos Apóstolos, renovando a própria adesão à Igreja de Pedro, e nós, se Deus quiser, teremos a alegria de as receber de braços abertos e, juntamente com elas, daremos testemunho da unidade da Igreja, na fé e na caridade.

Que todos se associem

É nosso ardente desejo que, neste caminho para as “fontes da salvação” (cfr. Is 12,3), aos nossos filhos plenamente unidos à Igreja de Pedro se associem, nas formas que lhes forem possíveis, também os outros seguidores de Cristo e todos aqueles que, por estradas diversas e aparentemente distantes, procuram, com reta consciência e boa vontade, o único Deus (cfr. At 17,27).

Os programas concretos

Os programas concretos da peregrinação e das outras práticas que visam a favorecer a renovação e a reconciliação certamente serão indicados, para as Igrejas locais, pelas Conferências Episcopais, tendo em consideração a mentalidade e os costumes dos lugares e também as verdadeiras finalidades do Ano Santo, que acabamos de expor.

Da nossa parte, pedimos aos peregrinos que, depois de terem rezado segundo as nossas intenções e de todo o Colégio Episcopal,

participem localmente numa solene função comunitária, ou façam alguns momentos de reflexão diante do Senhor, concluindo-a com a recitação ou com o canto do Pai-Nosso e da Profissão da Fé, e com uma invocação à Santíssima Virgem.

As indulgências

Como que em resposta a estas manifestações simples e sinceras, mediante as quais os fiéis, nas Igrejas locais realizarão uma conversão real e manifestarão a vontade de querer permanecer e consolidar-se no amor de Deus e ao próximo, nós, como humilde ministro de Cristo Redentor, concederemos, nas devidas formas, o dom da Indulgência. Deste dom se beneficiarão também aqueles nossos filhos que, não podendo participar na peregrinação, por impedimentos de enfermidades ou por outras causas graves, se tiverem unido espiritualmente à peregrinação, com a oferta das suas orações e dos seus sofrimentos.

As esperanças do Ano Santo

Elas são, repetimos, a renovação e a reconciliação, como fatos interiores e como atuação de unidade, de fraternidade, de paz, que se expandem, das almas renovadas e reconciliadas em Cristo, em toda a Igreja e em toda a sociedade humana, pelos caminhos da caridade (*Oss. Rom., 8.6.1973*).

VIII. NECROLÓGIO

Padre Leandro Ayuso

* em Bernuy de Zapardiel (Ávila, Espanha) a 27-2-1893; † em Salamanca (Espanha) a 24-4-1973, com 53 anos de profissão e 47 de sacerdócio.

Dedicou 22 anos, quase metade de sua vida sacerdotal, ao trabalho missionário na Índia. Depois, de 1949 até a morte, foi confessor assíduo de aspirantes e de estudantes de teologia. Deixou grande exemplo de oração, de pobreza, de trabalho sacerdotal no silêncio, e de amor e fidelidade à Congregação.

Padre Tiago Bernardinis

* em Caporiacco (Udine-Itália) a 22-8-1908; † a San Conà di Piave (Veneza-Itália) a 13-1-1973 com 64 anos, 44 de profissão, 35 de sacerdócio.

Gastou as energias sacerdotais de moço nos oratórios, onde passou os mais belos anos da vida. Foi também ecônimo (tinha marcante tendência para a ordem) e confessor, com grande proveito para as almas. Mas, sobretudo, distinguiu-se pela grande capacidade de amar: foi a caridade o seu segredo e o seu fascínio. Sabia manifestá-la das maneiras mais imprevisíveis, ricas sempre de humanidade e de fé. Tinha para todos aquela palavra boa, como Dom Bosco.

Padre Arnaldo Bernasconi

* em Montevideu (Urugua) a 25-10-1884; † na mesma cidade a 18-11-1972 com 88 anos, 71 de profissão, 63 de sacerdócio. Diretor por três anos.

Passou parte da vida no Chile (Punta Arenas), de 1924 a 1941. De trato gentil e delicado, deixava de si lembrança indelével, mesmo quando devia repreender. Conhecendo muito bem a língua gozava fama de bom pegador e orador.

Padre João Luis Brasesco

* em Flores (Buenos Aires-Argentina) a 9-4-1896; † em San Justo (Argentina) em 15-2-1973 com 76 anos, 57 de profissão, 46 de Sacerdócio.

Homem simples e silencioso, distinguiu-se pelo amor a Dom Bosco, cujas pegadas seguiu na docência e no confessorário. Doou à Congregação importantes propriedades e bens de família, em benefício

das vocações. Deixou uma bela lembrança: sua profunda piedade e um caráter alegre e humilde.

Coad. Carlos Bryson

* Em Philadelphia (Pennsylvania-USA) a 15-8-1928; † em Boston (Massachusetts-USA) a 12-8-1972 com 44 anos de idade e 15 de profissão.

Amável e jovial, foi sempre muito benquisto pelos meninos. Fez do esporte e da aula — áreas de sua entusiástica atividade — o campo de seu apostolado. Vitimou-o um acidente automobilístico. Os funerais foram uma demonstração do afeto dos irmãos e dos alunos.

Padre Humberto Caramaschi

* em Polesine di Pegognaga (Mantua-Itália) a 19-9-1882; † em Ancona (Itália) a 12-4-1973 com 90 anos, 72 de profissão e 65 de sacerdócio. Foi diretor por 30 anos.

Formado no Oratório de Valdocco pelos discípulos diretos de Dom Bosco, foi o homem de Deus de convicções claras e sem compromissos. Afeiçãoou-se desmedidamente à juventude, dando-lhe a vida inteira, com um longo e intenso serviço de amor; e foi pelos jovens correspondido e venerado. Acreditou plenamente no seu ministério, que exerceu com zelo incansável e generoso até o fim da vida.

Padre Pedro Cattán

* em Belém (Israel) a 17-12-1906; † em Nazaré (Israel) a 24-4-1973 com 66 anos, 44 de profissão e 37 de sacerdócio.

Conterrâneo de Nosso Senhor, foi apóstolo tanto na sua terra quanto no exterior. Enfrentou longas viagens em toda a América do Sul para levar a palavra do Evangelho a emigrantes de língua árabe e para angariar recursos em favor do Orfanato Católico de Belém. Nestes últimos anos uniu ao ministério sacerdotal o apostolado do sofrimento. Nossa Senhora premiou-lhe a devoção filial, chamando-o no dia 24 do mês.

Padre João Celoria

* em Casorzo Monferrato (Asti-Itália) a 12-5/1904; † em Tampa (Florida-USA) a 22-11-1972 com 68 anos, 48 de profissão e 41 de sacerdócio. Foi Diretor por 21 anos.

Fez o noviciado em New Rochelle. Durante a guerra foi diretor em Novi Ligure, onde manteve um delicado equilíbrio entre alemães e italianos, conseguindo alimento e roupa para os aspirantes naqueles anos de dura prova. Terminada a guerra, voltou para os Estados Unidos, trabalhando com zelo pelos pobres e os abandonados. Andava

já de coração cansado, mas foram precisos dez anos e três operações para chegar à meta.

Coad. Marcelino Chesini

* em Breonio (Verona-Itália) a 27-5-1878; † em General Pico (Argentina) a 12-3-1973 com 94 anos e 59 de profissão.

Salesiano humilde, obediente e piedoso. Trabalhou a maior parte da vida nas missões do Pampa, auxiliar precioso dos grandes missionários. Reduzido pela idade e os achaques à inatividade, ou quase, enriqueceu seus últimos anos com a oração e o sacrifício.

Padre Mariano Chiari

* em Secchiano (Pesaro-Itália) a 7-9-1882; † em Frascati (Itália) a 27-3-1973 com 90 anos, 73 de profissão e 64 de sacerdócio. Foi diretor durante 9 anos.

Nobilíssima e luminosa figura de salesiano. Preciso, metódico, constante, soube granjear amizade irrestrita dos inumeráveis alunos nos quase 50 anos de docência, merecendo aquela autoridade robusta e quente que vence toda “estranheza” mecânica e se torna testemunho de um amor cada vez mais purificado e, por isso mesmo, sempre mais digno de crédito, sempre mais plasmador.

Padre Leopoldo Van den Dijck

* em Bourg-Léopold (Liège-Bélgica) a 22-10-1894; † em Lubumnashi (Zaire) a 16-5-1973 com 78 anos, 58 de profissão e 49 de sacerdócio. Foi diretor por 22 anos.

Ao longo de sua vida assaz longa, teve de batalhar batalhas materiais e espirituais. Na primeira guerra mundial, por 4 anos foi padoleiro, tendo enfrentado inúmeros perigos para atender os feridos. Depois haveria de estar também na primeira linha no exercício do seu sacerdócio, à disposição sempre de todos e em qualquer circunstância. Sua divisa: “Sempre pronto”, como bom soldado de Cristo.

Cl: José Alberto Fonseca

* em S. Marta de Penaguão (Vila Real-Portugal) a 28-3-1950; † no Porto (Portugal) a 17-3-1973 com quase 23 anos de idade e 7 de profissão.

Vinha de uma família profundamente cristã que ao Senhor ofereceu três dos seus quatro filhos, na Congregação Salesiana. Moço de generosidade verdadeira, consciente da proximidade da morte, soube

conservar-se sereno no seu lugar, não obstante os muitos sofrimentos. No hospital, todos lhe queriam bem, os moços principalmente, com os quais, quando melhor, organizava uma espécie de oratório.

Coad. Silvio Fontana

* em Somma Lombardo (Varese-Itália) a 8-1-1903; † em Fossano (Itália) a 6-8-1972 com 69 anos, 50 de profissão.

Amadureceu-lhe a vocação na Casa Mãe de Turim no contato com os salesianos das primeiras turmas. Feita a profissão, partiu para as missões do Mato Grosso (Brasil), onde desenvolveu generosa e variada atividade, distinguindo-se pela piedade sentida e fidelidade ao dever.

Coad. Nazareno Fratalli

* em Belforte sul Chienti (Macerata-Itália) a 31-3-1895. † em Roma, Pio XI, a 15-5-1973 com 78 anos e 50 de profissão.

A maior parte da vida salesiana, passou-a no Pio XI de Roma, como educador e formador de jovens na arte da alfaiataria, na qual era mestre exímio. Nos últimos anos foi enfermeiro, fizera o curso e diplomara-se. E nesse ofício foi mesmo um bom samaritano, curando as feridas do corpo e suavizando as dores da alma. Cumpriu, escondido sua missão de homem simples e trabalhador, e de religioso fiel.

Padre Vito Guarisco

* em Burgio (Agrigento-Itália) em 9-1-1885; † em Palermo (Itália) em 10-4-1973 com 88 anos, 70 de profissão, 62 de sacerdócio.

Pôs seus dotes e seus títulos de estudo à inteira disposição das almas, nas várias Casas por onde passou como professor de música. Desenvolveu intensa atividade sacerdotal no ministério da Palavra e das confissões, inclusive nos Institutos das Filhas de Maria Auxiliadora. O otimismo e a cordialidade jovial, a salesianidade profunda e simples fizeram dele, especialmente nestes últimos anos, elemento de coesão entre os irmãos e solicitado Mestre de formação para os alunos e ex-alunos.

Padre Elladio Guevara

* em Choachi (Colômbia) a 6-8-1900; † em Agua de Dios (Colômbia) a 12-5-1973 com 72 anos, 51 de profissão, 43 de sacerdócio.

Indefesso trabalhador no meio juvenil mais abandonado de várias cidades da Colômbia, foi também ótimo pastor de almas na vida paro-

quial. Excelente diretor espiritual, de todas as partes era requisitado para confissões não só por salesianos como por muitíssimas outras pessoas. Aceitando generosamente a vontade de Nosso Senhor, que o chamava a Si, faleceu santamente em Água de Dios, aonde se retirara em busca de um clima melhor para convalescer.

Padre Frederico Johnson

* em Chicago (USA) a 23-4-1900; † em Newton (USA) a 9-7-1972 com 72 anos, 43 de profissão, 34 de sacerdócio.

Entrou adulto na Congregação, levado pelo seu amor a Dom Bosco e aos jovens. Trabalhador incansável, não achava nada difícil demais. Por toda a parte andou construindo, consertando, renovando. Sentia que o melhor modo de exprimir sua salesianidade era servir aos outros. Foi vida de serviço a sua vida. E ativo ficou até o fim: cinco horas antes do seu passamento ainda celebrava missa para a sua turma de acampamento.

Padre Inácio Kosik

* em Lowell (Boston-USA) a 17-2-1905; † em New Rochelle em 18-4-1972 com 67 anos, 49 de profissão, 42 de sacerdócio. Foi diretor por 12 anos.

Homem de estudo, de vasta erudição e profunda piedade, conquistou a estima e o afeto dos seus alunos. Era um cavalheiro. Trabalhou muito para conseguir o reconhecimento oficial do nosso *Dom Bosco College* de Newton, onde os salesianos jovens se diplomavam. Nos últimos anos foi, em New Rochelle, confessor apreciadíssimo, e estava trabalhando numa série de monografias e biografias sobre santos antigos.

Padre Estanislau Kusztyb

* em Czudec (Polónia) a 5-5-1907 † em Bernal (Argentina) em 19-5-1973 com 66 anos, 47 de profissão e 38 de sacerdócio. Foi diretor por 3 anos.

Prodigalizou generosamente seu carisma sacerdotal na pregação e no confessionário, primeiro na Patagônia, depois em Ensenada e em Bernal, como pároco. Muitas comunidades receberam o fruto de sua direção espiritual. Distinguiu-se pela austeridade extraordinária e por terníssima devoção à Virgem.

Padre João Magueur

* em Ploudalmezean (Finisterre-França) a 20-8-1915; † em Giel-Putanges (França) a 20-1-1973 com 57 anos, 37 de profissão, 24 de sacerdócio.

Chegou ao sacerdócio depois de 5 anos de campo de concentração, na Alemanha, durante a guerra de 1940-1945. Homem simples e bom, ocupou antes o cargo de ecônomo, depois o de pároco, numa paróquia rural.

Padre Francisco McCabe

* em Darlington (Inglaterra) a 14-1-1899; † em Beckford (Inglaterra) com 74 anos, 52 de profissão, 47 de sacerdócio. Foi diretor por 25 anos.

Após 3 anos de serviço militar, sentiu a atração da vida salesiana e, com mais dois companheiros de guerra, pediu para nela entrar. Por querer muito bem a São João Bosco e à Congregação, manifestou profundo apego às Regras e às nossas tradições. Foi feliz organizador, especialmente de Cooperadores e Ex-Alunos. Como diretor, sempre teve particular interesse pelos salesianos mais jovens.

Padre José Metzger

* em Thal bei Erding (Baviera-Alemanha) a 6-2-1894; † em Burghausen (Alemanha) a 10-1-1973 com 78 anos, 58 de profissão, 48 de sacerdócio. Foi diretor por 30 anos.

Sua grande facilidade de aproximar os homens e os jovens granjearam-lhe a amizade de todos os que o conheceram. Exemplares sua simplicidade de coração, humildade e piedade profunda. Foi nele característico o apego a Dom Bosco e à Congregação. Seu otimismo e afabilidade tornavam-lhe agradabilíssima a companhia.

Padre Fernando De Meulenaere

* em Gand (Flandres Orientais-Bélgica) a 25-12-1924; † em Lubumbashi (Zaire) a 1-2-1973 com 48 anos, 26 de profissão, 18 de sacerdócio.

Missionário completo: muito corajoso e muito metódico, traçava seus programas dia por dia. Foi muito querido pelo seu rebanho que nele encontrou um pastor zeloso. Como bom salesiano, preferia os pobres, os doentes e os abandonados. "Da mihi animas" foi seu lema sagrado.

Padre Carlos Mindera

* em Viena (Austria) a 26-6-1906; † Munique (Alemanha) a 9-1-1973 com 66 anos, 48 de profissão, 40 de sacerdócio.

Durante 40 anos, até a morte, ensinou História e Arte em Benediktbeuern. Revelou-se precioso seu trabalho científico sobre o Velho convento beneditino, fundado em 937: os trabalhos de restauração foram executados sob sua direção. Fez um estudo, já publicado, sobre a origem do culto de Nossa Senhora Auxiliadora na Alemanha. Escreveu também outros opúsculos para difundir essa devoção. Morreu como viveu: tranqüilo e confiante em Deus, servo fidelíssimo que era.

Padre Luís Minson

* em Este (Pádua-Itália) a 13-3-1887; † em São Paulo (Brasil) a 6-1-1973 com 85 anos, 62 de profissão, 53 de sacerdócio. Foi diretor por 9 anos.

Religioso que servia de exemplo a todos. Característica: grande amor para com a Congregação. Admirável seu zelo no atendimento das confissões, ministério para o qual era muito procurado especialmente pelos meninos. Foi também um bom pregador. Gostava muito de preparar meninos para a primeira Comunhão.

Coad. Henrique Monnier

* em Marselha (França) 18-7-1921; † em La Crau (Var-França) a 19-4-1973 com 51 anos, 30 de profissão.

Um salesiano sempre sorridente, de bom gênio e muito sacrificado. Nos seus diversos trabalhos (oratório, assistência, aulas) foi sempre educador sagaz, muito estimado pelos alunos devido à sua bondade, caráter feliz e dedicação total. Morreu na Quinta-feira Santa, pela manhã, de enfarte. Na véspera se sentira cansado, mas por discrição apenas aludira ao fato.

Padre Davi Morán

* em Arabayona (Salamanca-Espanha) a 2-11-1902; † em Ronda (Málaga-Espanha) a 3-9-1972 com 69 anos, 51 de profissão, 40 de sacerdócio.

Seus 40 anos de trabalho nas casas de formação tinham-no feito muito conhecido pelos salesianos espanhóis. Era sua figura uma como encarnação dos valores evangélicos e salesianos que deixou por herança: fidelidade absoluta à palavra dada na profissão religiosa; simplicidade evangélica, piedade profunda.

Padre José Novoa

* em Rairiz de Veiga (Orense-Espanha) a 11-9-1889; † em Utrera (Sevilha-Espanha) a 2-5-1933 com 84 anos, 61 de profissão, 52 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Dada sua simplicidade, austeridade e espírito de trabalho era “salesiano por natureza”. Caracterizou-se também por um entranhado amor aos jovens, trabalho incansável, temperança e austeridade de vida, piedade simples, feita da aproximação de Deus e sentido de sua presença ao longo de toda a vida.

Padre Máximo Palao

* em Yecla (Murcia-Espanha) a 25-9-1905; † em Burriana (Castellon-Espanha) a 1-4-1973 com 67 anos, 47 de profissão, 38 de sacerdócio.

Durante a vida inteira, exerceu seu zelo sacerdotal e salesiano nas lides do ensino. Nos últimos anos trabalhou nas paróquias salesianas de Maria Auxiladora em Valencia e Burriana.

Coad. Luís Pastori

* em Milão (Itália) a 5-11-1904; † em Como (Itália) 29-6-1972) com 67 anos, 48 de profissão.

Trabalhou em diversas casas, principalmente como mestre mecânico. Salesiano exemplar no trabalho, no ensino e na piedade, segundo o espírito de São João Bosco.

Padre António Prieto

* em Barruecopardo (Salamanca-Espanha) a 23-10-1907; † em Cordoba (Espanha) em 4-2-1973 com 65 anos, 47 de profissão e 37 de sacerdócio.

Modelo de trabalho constante, ordenado, metódico. Virtude humana que ressaltou em sua personalidade foi um profundo senso de responsabilidade, aliado a uma extraordinária capacidade de previsão e cuidado dos mínimos particulares. Cultivou cuidadosamente a vida de oração na linha de uma estrita observância.

Padre Rodolfo Ragucci

* em Buenos Aires (Argentina) a 13-9-1887; † em Bernal (Argentina) a 25-4-1973 com 85 anos, 69 de profissão, 63 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

Exímio cultor da língua castelhana, viu seus méritos literários reconhecidos pela crítica mais exigente. O Governo Espanhol nomeou-o comendador da Ordem de Isabel, a Católica. Sacerdote exemplar, teve grande amor a Dom Bosco, cuja figura exaltou em muitas páginas de sua produção literária.

Coad. João Ramos

* em Málaga (Espanha) a 3-4-1912; † em Ronda (Málaga-Espanha) a 5-5-1972 com 59 anos, 17 de profissão.

Tendo cegado muito cedo, aos 21 anos entrou em contacto com os salesianos de Málaga e desde então começou a viver como se fosse salesiano, prestando seu valioso serviço de organista em diversas casas. Em 1934 pediu para ser admitido na Congregação, e o conseguiu. A cegueira não lhe impedia a assistência a todos os atos da comunidade, movimentando-se por todas as partes sozinho. Sua disponibilidade para tudo que pudesse ser útil aos outros granjeou-lhe o afeto de todos.

Padre Edgar Rocha

* em Juiz de Fora (Minas Gerais-Brasil) a 18-12-1899; † em São Paulo (Brasil) a 25-1-1973 com 73 anos, 54 de profissão, 45 de sacerdócio.

De Dom Bosco herdara o espírito de dinamismo e a criatividade. Milhares de ex-alunos, a ele vinculados por laços de amizade profunda, testemunham-lhe a genuína vocação de educador salesiano. Trabalhou em diversas casas do Brasil, e 23 anos em Oakland (Califórnia) como pároco da colónia portuguesa. De volta ao Brasil, é feito Delegado dos Ex-alunos de São Paulo.

Padre Jorge Shalhub

* em Beirute (Líbano) a 1012-1883; † em Roma, PAS, a 9-4-1973 com 90 anos, 71 de profissão, 64 de sacerdócio.

O domínio de várias línguas e o conhecimento do ambiente árabe-palestino permitiram-lhe prestar preciosos serviços à Congregação e ao Patriarcado de Jerusalém nos primeiros anos de sacerdócio. Depois, em Montpellier, prodigalizou os talentos recebidos de Deus, principalmente como mestre de música, professor e confessor. A figura do "Abuna" foi no PAS, por 35 anos, uma instituição. Sua lembrança está ligada ao Museu Bíblico, que ele fundou por inspiração do Padre Ricaldone. Possuía o dom de fazer todo o mundo seu amigo. Outra característica sua, a linearidade e sábia direitura no tocante a coisas de consciência e direção espiritual. Os sofrimentos da última doença purificaram sua alma de eleição para o prêmio eterno.

Padre Roberto Tabacco

* Turim (Itália) a 7-6-1892; † em Peterson (USA) a 23-8-1972 com 80 anos, 55 de profissão, 48 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Um dos mais antigos da inspetoria. Trabalhador incansável, nos primeiros tempos, com sua habilidade de compositor e linotipista,

aviou as publicações inspetoriais. Durante a maior parte da vida foi pároco. Nos últimos anos, reduziu as outras atividades devido à saúde precária, continuando confessor procurado e estimado por todos os membros do clero local. Otimista sempre, suportou a doença derradeira com paciência e serenidade.

Padre Josué Thomas

* em Rossart (Bélgica) a 10-11-1894; † em Dilbeek (Bélgica) a 10-5-1973 com 78 anos, 57 de profissão, 49 de sacerdócio. Foi diretor por 3 anos.

Figura salesiana de primeira plana, personalidade forte e fascinante, guiou milhares de jovens ao longo de seus 40 anos de magistério no Colégio Imara. De ânimo sempre moço, foi o conselheiro benquisto, o guia seguro e atento da juventude. Alma de poeta, com os pequeninos falava com aquela linguagem simples e direta, cujo segredo só ele conhecia: “Falo para os pequenos e para os grandes de coração de criança.

Padre Ernesto Tomba

* em Lonigo (Vicenza-Itália) a 1-3-1903; † em Verona (Itália) a 23-7-1973 com 69 anos, 53 de profissão e 44 de sacerdócio. Foi diretor por 19 anos.

Passou quase toda a vida salesiana no Colégio Dom Bosco de Verona, como professor e diretor. Quem o conhecia tinha de lhe querer bem; todos guardam lembrança dele, com um episódio, um fato para contar. Dele se recordarão os ex-alunos como um salesiano que amou Dom Bosco, “mestre de vida e de saber”, na sua definição.

Coad. João Batista Valentinotti

* em S. Giacomo (Trento-Itália) a 31-11-1902; † em Turim (Casa Mãe) a 13-2-1973 com 70 anos de idade e 36 de profissão.

Trabalhou como lavrador até aos 30 anos, quando Dom Bosco o chamou; continuou depois a lavrar a terra, testemunhando sua fé na labuta enriquecida de muita oração. Em seguida, em Piosasco, em Bagnolo e na Casa Mãe de Turim, foi ajudante de enfermeiro, atendendo os irmãos de coração aberto e rosto sereno, mesmo durante as freqüentes crises de sua doença.

2.º elenco 1973

N.º	Sobrenome e Nome	Lugar do Nascimento	Data do Nasc. e Morte	Id.	Lugar da Morte	Insp.	
50	P. AYUSO Leandro	Berhuy de Zap. (E)	27-02-1893	24-04-1973	80	Salamanca (E)	Ma
51	P. BERNARDINI Tiago	Caporiacco (I)	22-08-1908	13-01-1973	64	S. Donà di P. (I)	Vr
52	P. BERNASCONI Arnaldo	Montevideu (U)	25-10-1884	18-11-1972	88	Montevideu (U)	U
53	P. BRASESCO João L.	Flores (RA)	9-04-1896	15-02-1973	76	San Justo (RA)	BA
54	Coad. BRYSON Carlos	Philadelphia (USA)	15-08-1928	12-08-1972	44	Boston (USA)	NR
55	P. CARAMASHI Humberto	Polesina Pel. (I)	19-09-1882	12-04-1973	90	Ancona (I)	Ad
56	P. CATTAN Pedro	Belém (IL)	17-12-1906	24-04-1973	66	Nazaré (IL)	Or
57	P. CELORIA João	Casorzo Monf. (I)	12-05-1904	22-11-1972	68	Tampa (USA)	NR
58	Coad. CHESINI Marcelino	Breonio (I)	27-05-1878	12-03-1973	94	General Pico (RA)	LP
59	P. CHIARI Mariano	Secchiano (I)	7-09-1882	27-03-1973	90	Frascati (I)	Ro
60	P. DEN DIJCK van LEOPOLDO	Bourg-Leopold (B)	22-10-1894	16-05-1973	78	Lubumbashi (RCG)	AC
61	Cl. FONSECA José Albertd	S. Marta de Penag. (P)	28-03-1950	17-03-1973	23	Porto (P)	Pt
62	Coad. FONTANA Sílvio	Somma Lombardo (I)	8-01-1903	6-08-1972	69	Fossano (I)	Sb
63	Coad. FRATTALI Nazareno	Belforte (I)	31-03-1895	15-05-1973	78	Roma	Ro
64	P. GUARISCO Vito	Burgio (I)	9-01-1885	10-04-1973	89	Palermo (I)	Sc
65	P. GUEVARA Eládio	Choachi (CO)	6-08-1900	12-05-1973	72	Agua de Dios (CO)	Bg
66	P. JOHNSON Frederico	Chicago (USA)	23-04-1900	9-07-1972	73	Newton (USA)	NR
67	P. KOZIK Inácio	Lowel (USA)	17-02-1905	18-04-1972	67	New Rochelle (USA)	NR
68	P. KUSZYB Estanislau	Czudec (PL)	5-05-1907	19-05-1973	66	Bernal (RA)	LP
69	P. MAGUEUR João	Ploudalmezean (F)	20-08-1915	20-01-1973	57	Giel-Putanges (F)	Fr
70	P. McCABE Francisco	Darlington (BG)	14-01-1899	31-03-1973	74	Beckford (GB)	Ig
71	P. METZGER José	Thal bei Erding (D)	6-02-1894	10-01-1973	78	Burghausen (D)	Mü
72	P. MEULENAERE de Fernando	Gand (B)	25-12-1924	1-02-1973	48	Lubumbashi (RCB)	AC
73	P. MINDEIRA Carlos	Vienna (A)	26-06-1906	9-01-1973	66	MunIQUE (D)	Mü
74	P. MINSON Luís	Este (I)	13-03-1887	6-01-1973	85	São Paulo (BR)	SP
75	Coad. MONNIER Henrique	Marselha (F)	18-07-1921	19-04-1973	51	La Crau (F)	Ly
76	P. MORAN Davi	Arabayona (E)	2-11-1902	3-09-1972	69	Ronda (E)	Cb
77	P. NOVOA José	Rairiz de Veiga (E)	11-09-1888	2-05-1973	84	Utrera (E)	Se
78	P. PALAO Máximo	Yecla (E)	25-09-1905	1-04-1973	67	Burriana (E)	Va
79	Coad. PASTORI Luís	Milão (I)	5-11-1904	29-06-1972	67	Como (I)	Lo
80	P. PRIETO Antonio	Barruecopardo (E)	23-10-1907	4-02-1973	65	Córdoba (E)	Cb
81	P. RAGUCCI Rodolfo	Buenos Aires (RA)	13-09-1887	25-04-1973	85	Bernal (RA)	LP
82	Coad. RAMOS João	Málaga (E)	3-4-1913	5-05-1972	59	Ronda (I)	Cb
83	P. ROCHA Edgar	Juiz de Fora (BR)	18-13-1899	25-01-1973	73	São Paulo (BR)	SP
84	P. SHALHUB Jorge	Beirute (Líbano)	10-12-1883	9-04-1973	89	Roma (I)	PAS
85	P. TABACCO Roberto	Turim (I)	7-06-1892	23-08-1972	80	Paterson (USA)	NR
86	P. THOMAS José	Rossart (B)	10-11-1894	10-05-1973	78	Dilbeek (B)	AC
87	P. TOMBA Ernesto	Lonigo (I)	1-03-1903	23-07-1972	69	Verona (I)	Vr
88	Coad. VALENTINOTTI João B.	S. Giacomo (I)	3-11-1902	13-02-1973	70	Turim (I)	Cn